

A OCUPAÇÃO PELOS GRUPOS CERAMISTAS DAS TRADIÇÕES TAQUARA E TUPIGUARANI DO MÉDIO VALE DO RIO DOS SINOS E DO VALE DO RIO PARANHANA¹

Jefferson Luciano Zuch Dias²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar e compreender o processo de ocupação do médio vale do rio dos Sinos e seu principal afluente da margem direita, o rio Paranhana, por populações portadoras das tradições cerâmicas Taquara e Tupiguarani. Para isso, foram levantadas, organizadas e analisadas as informações documentais (fichas de registro de sítios, plantas baixas, fotografias, anotações diversas) e as coleções correspondentes disponíveis no acervo do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL), em Taquara, RS. A partir desta análise foi possível propor um modelo de ocupação da região pelos grupos portadores das tradições cerâmicas Taquara e Tupiguarani, no qual os primeiros experimentam uma expansão descendo o vale do rio Paranhana até sua desembocadura e dali rio dos Sinos abaixo até ao menos a altura de Sapiranga, entre 662 AD e 888 AD. Um segundo momento de expansão e ocupação do médio vale do rio dos Sinos e do vale do Paranhana se terá dado entre, aproximadamente, 1500 e 1600 AD por portadores da tradição cerâmica Tupiguarani, agora no sentido inverso, subindo o vale do rio principal e o vale do rio Paranhana, em um momento em que os grupos associados à tradição Taquara já teriam refluído a áreas mais altas do vale do Paranhana e ao Planalto contíguo. A expansão dos grupos portadores da tradição Tupiguarani, subindo o rio Paranhana, terá levado ao estabelecimento de interação com grupos associados à tradição Taquara, no alto vale, fazendo dele uma zona de fronteira e resultando em dois sítios com evidências de contato. Tanto a expansão dos portadores da tradição Taquara, descendo o rio Paranhana e o rio dos Sinos, como o processo de expansão, em sentido contrário e cronologicamente posterior, dos portadores da tradição Tupiguarani, subindo esses mesmos rios, são consoantes com fenômenos de expansão e dispersão desses mesmos grupos, em outras áreas, em momentos cronologicamente semelhantes.

Palavras-chave: Tupiguarani, Taquara, Vale do Sinos, Vale do Paranhana.

ABSTRACT

The paper aims to identify and to comprehend the occupation of the middle valley of the Sinos River and of the Paranhana, his most important right bank tributary, by populations of the Taquara and Tupiguarani ceramic traditions. With the proposed intend there were localized, organized and analyzed the documents and the corresponding material collections available in the Museu Arqueológico

¹ O texto aqui apresentado é adaptação dos capítulos 2 e 4 da tese de doutorado defendida na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNSINOS, em 2015.

² Professor das Faculdades Integradas de Taquara, FACCAT, Taquara

do Rio Grande do Sul (MARSUL), Taquara city, RS. The analysis induced to propose a model of the occupation by populations of the Taquara and the Tupiguarani ceramic traditions, the former descending the Paranhana valley until its mouth and then following the Sinos river until Sapiranga city, between AD 662 and AD 888; in a second moment, between AD 1500 and AD 1600, the expansion of the Tupiguarani population and the occupation of the middle Sinos and the Paranhana valley, ascending the rivers when the Taquara populations had abandoned the area retiring to higher lands of the basin and to the neighboring plateau. The expansion of the Tupiguarani people ascending the Paranhana would lead to the interaction of the groups and to form a frontier zone, represented by two establishments with evidence of contact. The expansion of the Taquara tradition descending the Paranhana and of the Tupiguarani ascending the Sinos and Paranhana valleys conform to similar movements of these groups in other areas at similar chronological moments.

Key Words: Tupiguarani, Taquara, Sinos valley, Paranhana valley.

1. AS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO PARANHANA E ÁREAS PRÓXIMAS

1.1. As informações existentes no MARSUL

Foram utilizados, como fonte principal e base de dados sobre os sítios arqueológicos da bacia do rio Paranhana, os sítios existentes no Catálogo de Registro de Sítios Arqueológicos (CRSA) do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL), elaborado a partir das pesquisas arqueológicas efetuadas por aquela instituição desde o início da década de 1960.

Inicialmente, buscamos por sítios arqueológicos, relacionados às tradições Taquara e Tupiguarani, que apresentavam documentação e acervo de cultura material que permitissem uma caracterização dos mesmos e sua localização aproximada, bem como detalhes sobre intervenções em superfície (coletas) e/ou subsuperfície (sondagens, poços teste, escavações), assim como análises de material cultural, mesmo que prévias. Da mesma forma, buscamos os sítios com documentação escrita que também possuíssem acervo de cultura material lítico-cerâmica e zooarqueológica associado. No entanto, nem todos os sítios possuíam tais informações e nem essas eram homogêneas. Alguns deles possuíam fichas de registro, plantas baixas, fotografias e acervo de material; outros, somente as fichas e acervo ausente ou incompleto e alguns somente estavam listados no CRSA, sendo que a documentação escrita e o acervo material não foram localizados.

Com isso, houve a necessidade de aumentamos a área de abrangência do estudo para sítios fora da bacia hidrográfica do Paranhana, que cumprissem pelo menos algum dos requisitos (documentação escrita e/ou acervo material), com informações suficientes e úteis para alcançar os objetivos propostos, mas que também estivessem em seu entorno imediato. Foram assim selecionados 27 sítios arqueológicos (Tabela 1 e Figura 1).

Tabela 1. Sítios das tradições Taquara e Tupiguarani, utilizados nesse estudo. Fonte: elaborado pelo autor.

| Mun. | Sítio | Nome do Sítio | Coordenadas Aproximadas (UTM) | Localidade | Filiação |
|-------------|---------------|-------------------|-------------------------------|--------------------------|----------------|
| Três Coroas | S-296 | Arroio Iraparú 1 | 520087 6736808 | Sander | Tg/Ta |
| | S-297 | Arroio Iraparú 2 | 520243 6736649 | | Tg |
| | S-299 | A. Lamp 1 | 522108 6731636 | Arroio Lamp | Tg |
| | S-300 | A. Lamp 2 | 524929 6731409 | | Tg |
| | S-301 | A. São Paulo | 525393 6748023 | Arroio São Paulo | Ta |
| | S-320 | Rodeio Bonito 1 | 526636 6736794 | Rodeio Bonito | Ta/Tg |
| | S-321 | Rodeio Bonito 2 | 526353 6737202 | | Ta/Tg |
| Taquara | S-61 | Morro da Formiga | 520348 6720937 | Morro da Formiga | Ta |
| | S-271 | Linha Gonzaga | 518475 6715445 | Linha Gonzaga | Ta |
| | S-293 | Arroio Taquara | 519959 6719903 | Taquara | Tg |
| | S-379 | Moquém 1 | 530899 6720346 | Moquém | Petroglifos/Tg |
| | S-380 | Moquém 2 | | | Tg |
| | TQ-1 | Mineiro | 519514 6714684 | Mineiro | Tg |
| | TQ-2 | Km 4 | 522511 6723354 | Km 4 | Tg |
| | TQ-4 | Patomé | 524160 6711680 | Patomé | Tg |
| | S-30 | Tucanos | 524272 6719504 | Tucanos | Tg |
| | S-34 | Morro Negro | 512660 6714865 | Santa Cristina do Pinhal | Tg |
| S-260 | Pinhal | 513104 6715750 | Tg | | |
| S-291 | Zezinho Paz 1 | 509058 6714832 | Tg | | |
| S-292 | Zezinho Paz 2 | 509035 6715367 | Tg | | |
| Sapiranga | S-281 | Porto Palmeira 1 | 505423 6715417 | Porto Palmeira | Tg/Ta |
| | S-282 | Porto Palmeira 2 | 505293 6715573 | | Tg/Ta |
| | S-283 | Porto Palmeira 3 | 505336 6715645 | | Tg/Ta |
| | S-375 | Otto Wingert 1 | 497719 6723468 | Sapiranga | Tg |
| | S-382 | Otto Wingert 2 | 497455 6723855 | | Tg |

| | | | |
|-------|---------------|-------------------|----|
| S-378 | José Wenter 1 | 501846 6723286 | Tg |
| S-383 | José Wenter 2 | 501867 6723451 | Tg |

Ta=Tradição Taquara, Tg=Tradição Tupiguarani

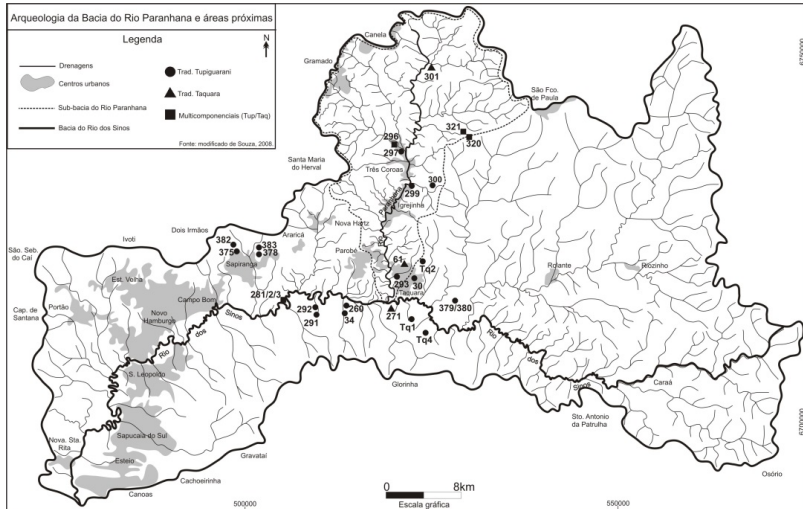


Figura 1: Distribuição dos sítios na área de estudo. Fonte: modificado de Souza (2008) e IBGE (2002).

Desses 27 sítios, 9 estão inseridos no interior da bacia do Paranhana, nos municípios de Três Coroas e Taquara. Os outros 18 sítios localizam-se ao longo do rio dos Sinos, nos municípios de Taquara, Parobé e Sapiranga. Existem sítios listados no CNSA do IPHAN, para essas áreas, mas optamos por não os utilizarmos nesse estudo, em parte porque são sítios que estão presentes na Tabela 3 ou porque possuem informações muito escassas. Alguns desses sítios são produtos de levantamentos realizados por S. M. Copé, por volta de 2001, por ocasião de laudo de linhas de transmissão elétrica, mas que também possuem pouca informação.

Especialmente o sítio RS-S-282 Porto Palmeira 2, localizado em Sapiranga, é importante pois possui uma das raras datações radiocarbônicas da área, de 1.380 ± 110 (SI-414), relacionada a um sítio multicomponencial, com cerâmica das tradições Taquara e Tupiguarani. Outra data somente temos no sítio RS-S-61, localizado no município de Taquara, de 1.190 ± 100 (SI-409) AP, relacionada também à tradição Taquara.

A seguir, trataremos de caracterizar os sítios listados na Tabela 3, utilizando as informações originais presentes nas fichas de registro do CRSA do MARSUL e, quando existirem, acrescidas das plantas baixas do acervo documental, bem como contagens de material lito-cerâmico, realizadas ou por E. T. Miller ou por P. A. Mentz Ribeiro.

1.2. Os sítios arqueológicos do Vale do Paranhana e áreas próximas

Como já foi colocado anteriormente, entre todos os municípios listados na Tabela 1, que fazem parte da Bacia do Paranhana por questões geopolíticas e culturais, selecionamos somente aqueles que possuíam uma relação mais direta com a bacia hidrográfica daquele rio, além de sítios localizados em municípios que se situam fora dessa bacia hidrográfica, mas que continham informações importantes para nossa pesquisa, o que inclui, então, aqueles de Sapiranga, Parobé e outros em Taquara (ver Tabela 3).

Através do levantamento da documentação destes sítios arqueológicos, sabemos que os sítios S-379 e S-380, localizados em Taquara, e que os sítios S-375, S-378, S-382 e S-383, localizados no município de Sapiranga, foram pesquisados por Pedro Augusto Mentz Ribeiro. Os demais foram pesquisados por Eurico Th. Miller.

Na maior parte dos sítios foram feitas somente coletas de superfície, enquanto que nos sítios S-321 (Três Coroas), S-61, S-271, S-293 (Taquara), S-260 (Parobé), S-282 e S-283 (Sapiranga), foram realizadas sondagens estratigráficas. Em alguns sítios (TQ-1, TQ-2, TQ-4 e S-34) foram realizadas apenas intervenções pontuais para a retirada de urnas funerárias. Somente S-61 (Morro da Formiga) recebeu intervenção em área mais ampla.

Como exemplo da metodologia utilizada na revisão dos dados documentais e dos acervos materiais dos sítios selecionados, iniciamos a atividade com o sítio S-296 (Arroio Iraparú 1), localizado no município de Três Coroas. Este local foi identificado como pertencente à tradição ceramista Tupiguarani e em sua composição encontramos materiais líticos e cerâmicos provenientes de 3 coletas superficiais, realizadas por Eurico Th. Miller, no ano de 1966.

Primeiramente separamos o material de acordo com seu número de catálogo, que corresponde aos números 494 (coleta 1), 495 (coleta 2) e 496 (coleta 3). A seguir, trabalhamos na separação e classificação deste material da seguinte forma: primeiramente analisamos o material lítico, sendo o mesmo separado por matéria-prima; após, cada peça foi analisada e caracterizada em termos tipológicos, sendo alguns exemplares (que mostrassem a variabilidade artefactual dentro dos sítios) desenhados e fotografados e, por fim, cada objeto foi embalado separadamente e identificado com a respectiva etiqueta, para ser acondicionado em uma caixa específica para o material lítico.

O mesmo procedimento foi adotado para classificar o material cerâmico. Primeiramente o material foi separado por número de catálogo e conforme suas características estilísticas (morfologia e decoração). Foi feita também uma análise da pasta e queima em parte das coleções, por amostragem que proporcionasse um percentual significativo dentro delas; os fragmentos foram ainda separados em bordas, fragmentos de corpo e bases. Utilizando as bordas e as bases, construímos alguns modelos gráficos para diferentes categorias formais de vasilhas.

Assim, nesse capítulo compilamos as informações contidas nas fichas de registro originais, com as anotações feitas pelos pesquisadores da época, bem

como registros de contagens de material e croquis com plantas baixas e fotografias, quando existentes.

Através das fichas de registro, buscamos também localizar os sítios geograficamente. Em alguns casos (S-296, S-297, S-320, S-321, S-61, S-293, S-281, S-282 e S-283), a localização geográfica foi um pouco mais facilitada tanto pelo conhecimento que temos da região bem como pelo grau maior de informação da descrição feita na ficha original, o que permitiu um georeferenciamento mais preciso (embora não totalmente) do local dos sítios. Para os demais, a localização é imprecisa, mas de qualquer forma, representa (o melhor possível) as áreas em que estão localizados.

1.2.1. Sítios Arqueológicos do Município de Três Coroas

No município de Três Coroas foram identificados 7 sítios arqueológicos, sendo 1 associado somente à tradição Taquara (S-301), 3 à tradição Tupiguarani (S-297, S-299 e S-300) e ainda 3 sítios com material cerâmico das duas tradições, que chamamos de “sítios multicomponenciais”, mas que podem representar situações de contato ou sobreposição de ocupações.

Do total de sítios arqueológicos identificados neste município, 6 tiveram somente atividades de coleta superficial e em 1 foram feitas sondagens estratigráficas (S-321).

A seguir transcrevemos o conteúdo das fichas originais, ilustrando com os respectivos croquis para cada sítio arqueológico.

RS-S-296 - Arroio Iraparú 1

As intervenções nesse sítio foram somente de coleta superficial, em três áreas diferentes. Os acervos de cada um desses pontos receberam, no CRSA do MARSUL, números distintos.

Na ficha original, escrita por E. T. Miller consta, para o primeiro ponto de coleta (CRSA 494), o seguinte:

“Em terras de Arlindo Rigel e Arthur Dreher em Sander, a 800 m da margem direita do Arroio Iraparú, afluente do Rio Paranhana. Numa chapada a meia altura de um alto morro, tendo ao sul uma sanga com mato, ao norte o Vale do Iraparú, a oeste uma baixada e a leste a continuação da chapada. Apesar da grande extensão deste sítio de habitação Guarani o material arqueológico não é abundante, podendo-se porém distinguir três focos onde o material está um pouco mais aglomerado. O material com este número corresponde a coleta 1 no extremo leste do sítio. Não há mancha de terra escura. Terreno argiloso e pouco irregular, com muitos matações. Cacos pequenos e erodidos. Data: 18/01/66”.

Existe também uma contagem do material feita por Miller, com 4 artefatos líticos e 82 fragmentos cerâmicos, pertencentes à tradição Tupiguarani.

Para o segundo ponto de coleta (CRSA 495) o conteúdo da ficha original, escrita por E. T. Miller, registra que:

“O material com este número corresponde a coleta 2 no centro do sítio, onde se percebe uma tênue mancha de terra escura. Superfície com milho e alfaça, solo muito argiloso, cacos pequenos a médios erodidos. Alguns petrefatos. Data: 18/01/66.”

Junto a esta ficha, temos uma contagem de material registrando 34 objetos líticos e 352 fragmentos cerâmicos pertencentes à tradição Tupiguarani.

Para o terceiro ponto de coleta (CRSA 496), na ficha original consta:

“O material com este número corresponde a coleta 3 efetuada no extremo sudeste do sítio, junto a sanga com mato. Superfície argilo-arenosa, com duas grandes manchas de terra escura, milho e mandioca. Cacos pequenos a médios erodidos. Alguns choppers. Data: 18/01/66.”

Anotações de Miller dão conta de que foram contabilizados, nessa área de coleta, 14 artefatos líticos e 151 fragmentos cerâmicos pertencentes à tradição Tupiguarani.

Além das fichas de registro e das contagens apresentadas acima, também foram encontrados o croqui do sítio e imagens fotográficas da área do mesmo, feitas por Miller (Figuras 2 e 3). A fotografia da figura 2 serve para ilustrar o ambiente dos demais sítios, cujas fotografias não incluímos no texto, mesmo quando estavam no texto do qual foi tirado este excerto.

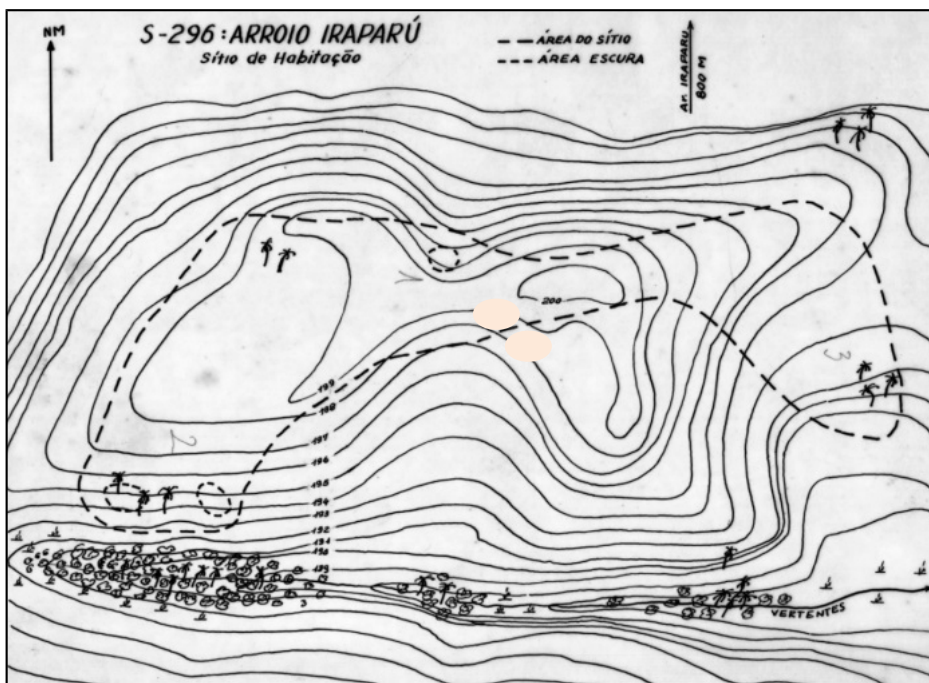


Figura 2: Croqui do Sítio RS-S-296. Fonte: Acervo MARSUL.

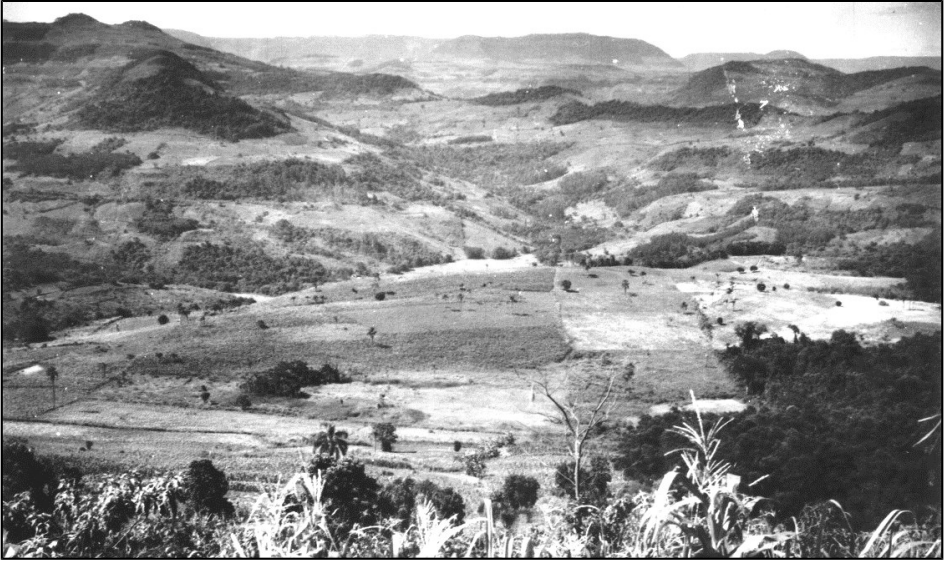


Figura 3: Vista geral do vale do Arroio Iraparú e vale do rio Paranhana, a partir da área do sítio RS-S-296. Fonte: Acervo MARSUL.

RS-S-297 - Arroio Iraparú 2

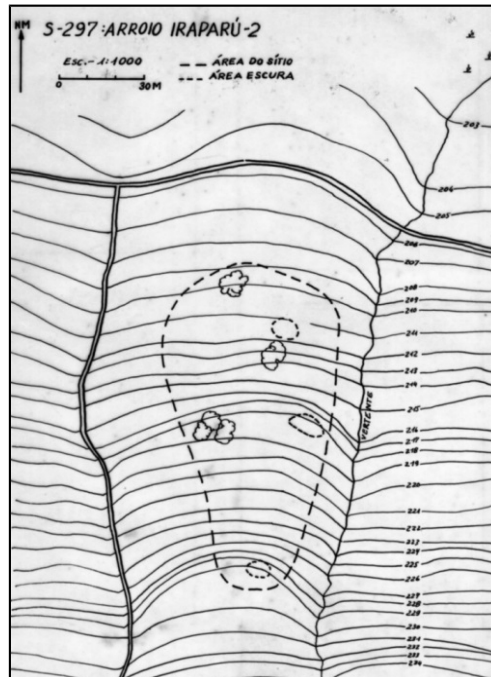


Figura 4: Croqui do sítio RS-S-297. Fonte: Acervo MARSUL.

Com relação ao sítio arqueológico RS-S-297, que possui o número do CRSA 497, o acervo de cultura material não foi localizado nas dependências da Reserva Técnica do MARSUL, mas, segundo a documentação consultada deste sítio, que pôde ser localizada, havia muito pouco material recolhido, associado à tradição Tupiguarani.

Na Ficha de Registro de Sítio Arqueológico, registrada no MARSUL, feita por E. T. Miller, consta que o mesmo foi localizado:

“Em terras do Sr. Chenardi, morador em Sander. Este sítio de habitação Guarani está situado a sudeste \pm 250 m de S-296. A nordeste sanga com mato, ao norte baixada e estrada de roça, a oeste estrada de roça e a oeste o pico do morro. A superfície é bastante inclinada e com cultura de milho e cana, algumas laranjeiras e muitos matacões. A leste pequena vertente, terreno argiloso. Cacos pequenos a médios e erodidos. Alguns choppers. Data: 18/01/66.”

Junto a esta ficha, encontramos o croqui do sítio, com sua planta baixa e fotografias da área do mesmo (Figura 4).

RS-S-299 - Arroio Lamp 1

Esse sítio possui o número CRSA 500. Junto à ficha de registro, encontramos um croqui com a planta baixa do sítio (Figura 5). Retiramos dessa ficha, escrita por E. T. Miller, os seguintes dados:

“Proprietário: Arno Hugo Krummenauer, morador local. Lado esquerdo do rio Paranhana, pouco mais de 500 m do arroio Lamp abaixo, onde uma ponta de morro encosta no rio e a 20 m sobre este e a 50 m distante. A nordeste vertentes e mato, a sudoeste o mesmo e a sudoeste o pico do morro. Solo solto e arenoso com roça de mandioca, muito suja. Cacos na superfície, de pequenos a médios muito erodidos. Maioria dos cacos do eixo maior para ocidente. Data: 22/01/66.”

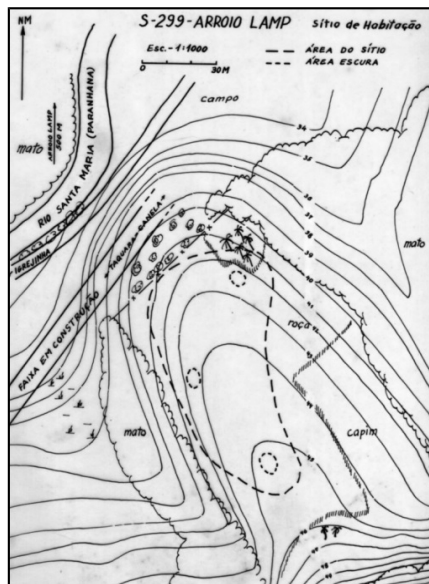


Figura 5: Croqui do sítio RS-S-299. Fonte: Acervo MARSUL.

Junto à documentação, encontramos anotações que registram 6 peças líticas e 132 fragmentos cerâmicos, pertencentes a Tradição Tupiguarani.

RS-S-300 - Arroio Lamp 2

O sítio possui registro no CRSA com o número 501.

A descrição na ficha original apresenta as seguintes informações, feitas por E. T. Miller:

“Enterramento. Proprietário Naldo Viro Kruppenauer. A norte do arroio Lamp +/- 600 m e a oeste da faixa de São Francisco de Paula a 1 km. A oeste do paredão, 50 m, que limita a chapada que está a cavaleiro. Em terreno íngreme e argiloso, fortemente erodido, o qual há dois anos estava coberto por denso mato com árvores em sua maioria de 25 cm de diâmetro. A erosão pôs à mostra alguns cacos que recolhemos (e uma pequena panela toda rachada que no entanto estava composta e semienterrada com o fundo para cima, segundo o proprietário) do panelão pouco recuperamos mas o suficiente para reconstituição. Como o local é constituído quase que só de rochedos e matacões não podemos escava-lo, mas passamos um ancinho por entre o cisco sem nada encontrarmos. A pouca terra não apresenta outra coloração a não ser a natural. Examinamos uma grande área, mas sem encontrar indícios. Cultivada com mandioca, rabanete, milho e abóboras. Data: 24/01/66”

Junto da descrição da ficha original, encontramos um croqui deste sítio (Figura 6).

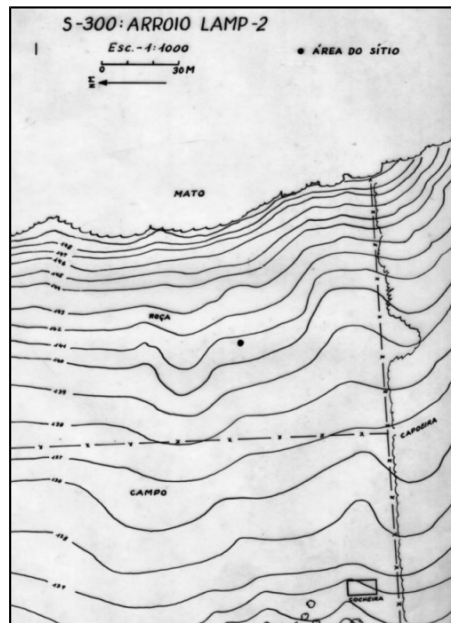


Figura 6: Croqui do sítio arqueológico RS-S-300. Fonte: Acervo MARSUL.

Além do registro acima, também encontramos a seguinte descrição feita por André Jacobus (1994), que compõe um trabalho intitulado “Vasilhas cerâmicas guarani arqueológicas e estruturas funerárias”:

“Pesquisado por Eurico Th. Miller, em 24/1/66, durante o PRONAPA. Coleta superficial (501) de 73 fragmentos de cerâmica. Situa-se no município de Três Coroas a 600 m ao norte do arroio Lamp e a um quilômetro a oeste da estrada RS-020. Segundo informação de um morador daquela cidade o nome correto do arroio seria Kampff. Em terras de Naldo Viro Krumnauer. (...) Havia uma estrutura funerária.”(Jacobus, 1994, s.p.)

Somente cerâmica compõe seu conteúdo cultural, sendo que 34 fragmentos pertencem a uma mesma peça. Esta peça possui decoração dupla, sendo que na borda e na base apresenta detalhes em corrugado e na parede do corpo identificamos a decoração “escovada”. Ao todo foram contabilizados, por Miller, 73 fragmentos cerâmicos pertencentes à tradição Tupiguarani.

Também identificamos o seguinte registro na ficha original feita por E. T. Miller: T-086. Esta anotação refere-se ao seguinte item encontrado na listagem do Livro Tombo: “vaso pintado da Tradição Tupiguarani, pertencente à Coleção Miller, registrado no ano de 1966.”

Este item de pequenas dimensões (diâmetro não superior a 10 cm e com altura por volta dos 15 cm) está acondicionado na Prateleira 16 da Estante 01, da Sala do Tombo.

RS-S-301 - Arroio São Paulo

Com número do CRSA 502, além do croqui (Figura 7) e fotografias, localizamos sua ficha de registro original, assim descrito por E. T. Miller:

“A margem esquerda do arroio São Paulo e pouco abaixo da cachoeira de mesmo nome, debaixo da qual deságua o córrego da Divisa, que é o limite leste do sítio. Este terreno é bastante argiloso como são as terras altas. Descendo-se a estrada que vai a Canela, paralelo ao arroio da Divisa por ladeiras e patamares alternados após 350 m chega-se ao Arroio São Paulo. Dois focos, com terra escura, culturais são visíveis numa roça bastante suja. O primeiro mais próximo da estrada (a 100 m) e do arroio Divisa (a 50 m). O segundo próximo ao arroio Divisa (a 15 m) e do arroio São Paulo (a 80 m). O primeiro num patamar ao segundo em terreno inclinado para uma ladeira. Colhemos na superfície poucos cacos pequenos e erodidos, do grupo Gê (Taquara) e alguns petrefatos (principalmente lascas). O proprietário diz que a meio dum vassoural havia um buraco de $\pm 2 \times 1 \times 0,5$ m com cinza e cacos de cerâmica. Não conseguimos localiza-lo. Data: 25/01/66.”

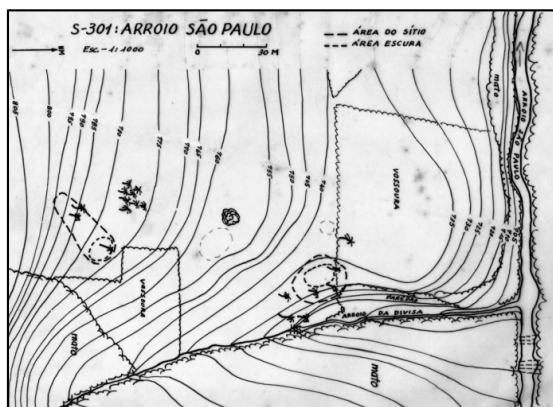


Figura 7: Croqui do sítio arqueológico RS-S-301. Fonte: Acervo MARSUL.

Junto da ficha, encontramos uma contagem de material, na qual estão registrados 15 objetos líticos pertencentes à tradição Taquara. No entanto, não há referência aos fragmentos cerâmicos mencionados na ficha de registro.

Este é o sítio mais setentrional, entre aqueles dos quais tivemos acesso à documentação e acervo material, dentro da área da bacia hidrográfica do rio Paranhana.

RS-S-320 - Rodeio Bonito 1

Esse sítio possui número do CRSA 527. Retiramos da ficha original escrita por E. T. Miller, os seguintes dados:

“Proprietário: Theobaldo Sauerressig, morador local. Numa suave ladeira descendente para o nordeste, a 200 m do ponto onde a “Estrada velha da serra” se cruza com a faixa Taquara-São Francisco de Paula, no local chamado Rodeio Bonito. A leste a “estrada velha” a 5 m em terreno argilo-humoso, com cultura de arroz e mandioca, tendo uma sanga ao sul, roça a leste e norte e capoeira ao sul. Muitos matacões ao leste com piretro. Sítio de habitação não guarani. Três manchas escuras. Na de oeste alguns cacos guaranis, na central e sul cacos tipo Morro da Formiga (Taquara), todos erodidos. Algumas lascas, raspadores, choppers, etc. Data: 18/02/66”.

Junto com a ficha de descrição, encontramos outra ficha contendo os seguintes dados: “material lítico composto por 199 peças; material cerâmico, classificado como pertencente à tradição Taquara, composto de 169 fragmentos”.

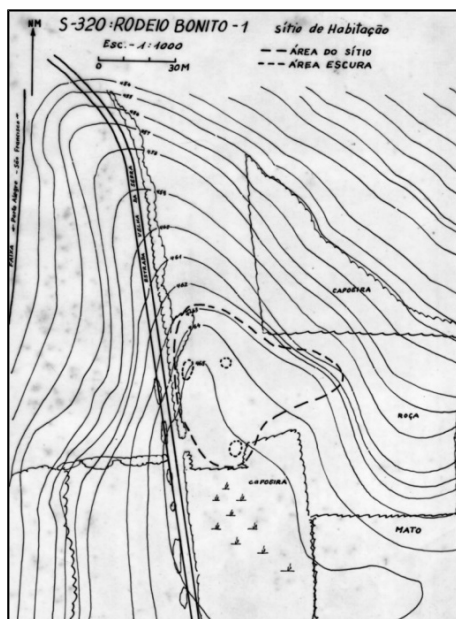


Figura 8: Croqui do sítio arqueológico RS-S-320. Fonte: Acervo MARSUL.

Registrada nesta ficha, encontramos ainda a seguinte anotação: “cerâmica decorada = 89; cerâmica lisa = 56; borda decorada = 17; borda lisa = 07: total = 169+199 = 368”, o que indica que nessa contagem devem ter sido computados

também fragmentos cerâmicos tupiguarani, que não são mencionados explicitamente. De qualquer forma, na recontagem e classificação que fizemos, puderam ser identificados os fragmentos correspondentes às duas tradições culturais, mas ainda assim em número menor que 368, indicando que haveria mais material cerâmico associado ao sítio, mas que não foi localizado na reserva técnica do MARSUL.

Entre a documentação, ainda temos o croqui do sítio (Figura 8) e fotos da área.

RS-S-321 - Rodeio Bonito 2

Com número do CRSA 524, sobre este sítio arqueológico, além de um croqui (Figura 9) e uma fotografia da área, temos as seguintes informações de E. T. Miller:

“Proprietário: Carlos Steigleder, morador de Três Coroas. Ao norte 60 m da estrada Água Branca e a 250 m da faixa de São Francisco a leste. No extremo oriental mato, no extremo ocidental campo, ao norte roça e campo e ao sul capoeira. Superfície com plantação de milho e mandioca de centro a sul e capoeira de centro a norte. Muitos matacões ao centro onde está a mancha mais centro setentrional. Água mais próxima a nordeste e a 30 m e no centro norte do sítio. Poucos cacos, pequenos e erodidos, tipo Guarani na mancha ocidental. Alguns cacos pequenos e erodidos tipo Morro da Formiga (Taquara) nas duas manchas mais ocidentais, digo, orientais. Lascas, raspadores, polidores, choppers, etc., principalmente junto as manchas. Data: 18/03/66.”

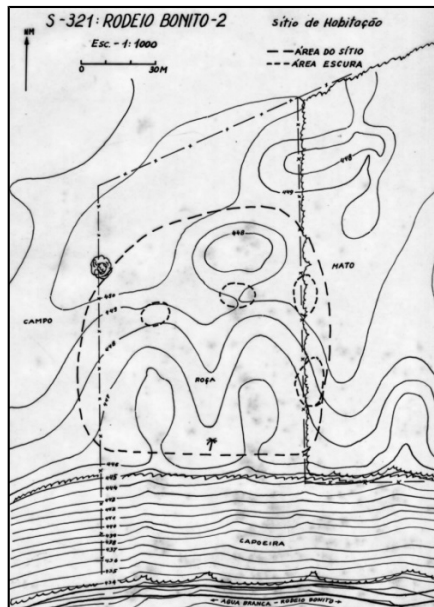


Figura 9: Croqui do sítio arqueológico RS-S-321. Fonte: Acervo MARSUL.

Junto à ficha de registro, há uma contagem de material com as seguintes quantificações: “64 peças para o material lítico e 17 fragmentos cerâmicos,

pertencentes à Tradição Taquara, Fase Taquara”. Encontramos registrada ainda nesta ficha a seguinte anotação: “cerâmica decorada = 3; cerâmica lisa = 12; borda decorada = 2 =17; total de material + lítico= 64 = 81”.

O sítio RS-S-321 recebeu intervenção subsuperficial, com uma sondagem estratigráfica realizada em uma das áreas (manchas) em que havia somente cerâmica da tradição Taquara, que atingiu 80 cm de profundidade, embora material arqueológico tenha ocorrido somente até os 20 cm.

O registro a seguir refere-se ao primeiro nível (0-10 cm), registrado por E. T. Miller:

“Escavação de 1,5 x 1,5 m na mancha sul oriental entre a cerca e o mato. Superfície algumas ervas e cacos tipo Morro da Formiga (Taquara). Solo macio, argiloso pegajoso e de cor cinza marrom média, algumas raízes. Cacos pequenos erodidos tipo Morro da Formiga (Taquara).”

A ficha de contagem do material para este nível indica que não havia material lítico, somente 11 fragmentos cerâmicos da Fase Taquara, que integra a Tradição Taquara. Encontramos registrada nesta mesma ficha a seguinte anotação: “cerâmica decorada = 3; cerâmica lisa = 7; borda decorada = 1 =11”.

Nas informações registradas para o nível 2 (10-20 cm), constam os seguintes dados:

“Solo compacto, argiloso e pegajoso, cor cinza marrom claro. Poucas raízes. Poucos cacos, pequenos e erodidos, tipo Morro da Formiga (Taquara). Cacos até 18 cm de profundidade. Escavamos até 80 cm sem nada encontrar, solo cor de tijolo alaranjado.”

O material encontrado neste nível, que está registrado na ficha de contagem de material original, caracteriza-se por estar composto por 3 fragmentos de cerâmica da tradição Taquara. Encontramos registrada nesta ficha a seguinte anotação: “cerâmica decorada = 2; borda decorada = 1”, totalizando 3 fragmentos.

Não fica claro, pelas anotações de Miller, se aqueles totais encontrados junto à ficha original geral agrupam coletas de superfície e a sondagem estratigráfica, mas é provável que sim. Em nossa recontagem e análise, existem algumas diferenças quantitativas.

Ainda no município de Três Coroas, encontramos no CRSA do MARSUL, a informação sobre mais um sítio arqueológico, pertencente à tradição Tupiguarani: RS-S-347 (CRSA 1866-1875). No entanto, temos escassas informações sobre ele, somente que está associado à Fase Maquiné da Tradição Tupiguarani e a menção de uma única peça lítica de basalto, caracterizada por ser uma lasca cortical com gume.

1.2.2. Sítios Arqueológicos do município de Taquara

No município de Taquara foram identificados 9 sítios arqueológicos que atenderam aos requisitos mínimos para inclusão nesse trabalho, sendo 2 associados exclusivamente à tradição Taquara, 6 exclusivamente à tradição Tupiguarani e 1 com características multicomponenciais, com cerâmica tupiguarani associada a petroglifos. Nesse caso, certamente se trata de ocupações distintas em um mesmo local.

Desses sítios, os mais importantes são, sem dúvida, o RS-S-61 (o clássico sítio do Morro da Formiga, que deu nome à tradição) e o RS-S-293 Arroio Taquara, associado à tradição Tupiguarani, até então inédito em termos de descrição e análise de material.

Apresentamos a seguir os dados originais das fichas, referentes aos sítios arqueológicos localizados no município de Taquara.

RS-S-61 - Morro da Formiga

Este sítio arqueológico é um marco cultural de extrema importância para a arqueologia do Estado e também para a história da arqueologia brasileira. A área já era conhecida desde os anos de 1950, mas os trabalhos mais sistemáticos iniciaram somente no ano de 1964 e a escavação foi feita por Eurico Th. Miller. Dele temos os seguintes registros com relação a este local:

“Esta jazida, em campo aberto, está localizada no Morro da Formiga delimitando a cidade de Taquara a Nordeste. Elevação baixa 60 metros acima da cidade. Arredondada e flancos suaves. A jazida é de pequenas dimensões, aproximadamente 3.000 m². Seu terreno já de longa data vem sendo cultivado, apesar disto encerra vestígios arqueológicos estranhos à região, o que lhe atribui um valor especial. Seu foco principal está situado no topo do morro progredindo pelo suave declive em direção nordeste. Sua cerâmica é composta exclusivamente pelo tipo encontrado nos “cômodos de frente” da região praiana de Tôres. É tipicamente carijó e, estranha ao Vale do Rio dos Sinos. Também os petrefatos de pedra lascada são estranhos à região. Tudo indica uma situação anormal e rara. Teriam eles emigrado da costa para o interior? Até o presente momento a pesquisa foi superficial, mas esperamos que, quando em profundidade, venha a formar o quebra cabeça. O conhecimento da cultura material do Ameríndio que aí habitou tem o seu valor. Uma vez que, conhecidas suas características, que aí deverão se mostrar sem contaminação, o seu resultado será útil no estudo das jazidas à beira mar, que para nós se apresentam muito confusas.” (s/d).

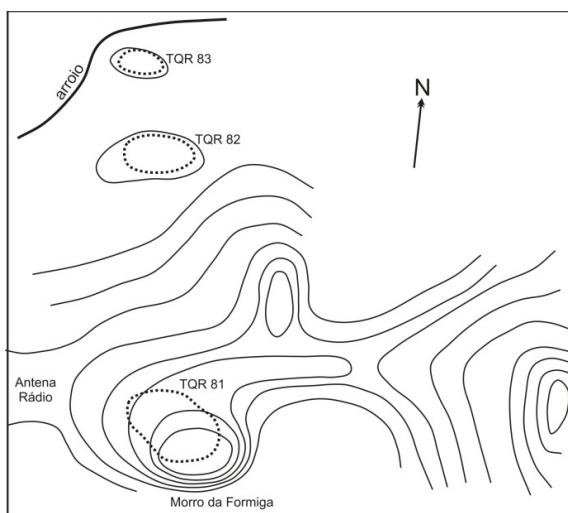


Figura 10: Croqui do sítio arqueológico RS-S-61, modificado a partir do original de Miller. Fonte: Acervo MARSUL.

Apesar de todo o trabalho realizado por Miller neste sítio arqueológico e do imenso acervo de cultura material existente, não localizamos fichas de registro nem tampouco anotações sobre a análise e/ou quantificação de material arqueológico, somente um croqui de localização e duas fotografias (Figuras 10 e 11).

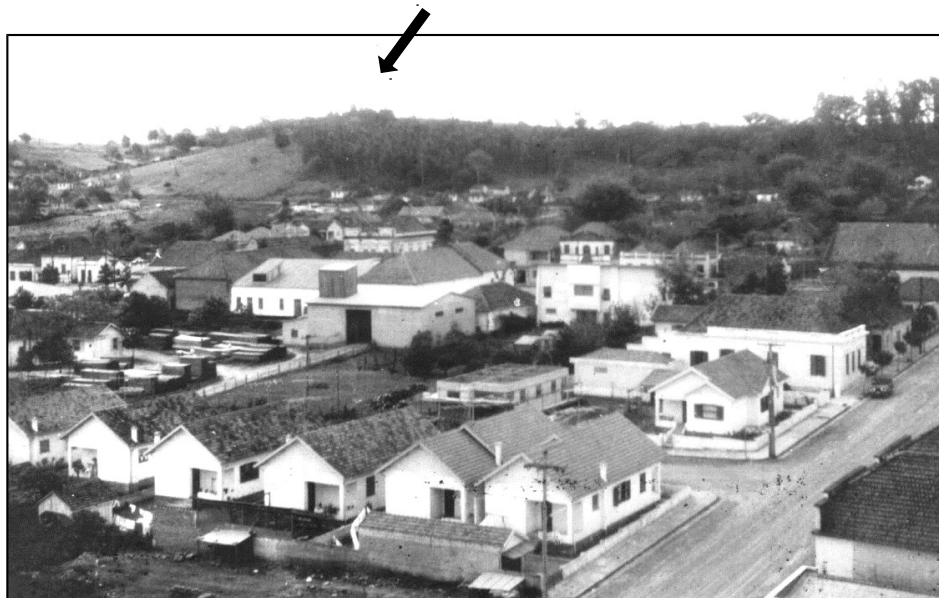


Figura 11: Vista parcial da área do Morro da Formiga, no centro urbano da cidade de Taquara na década de 1960. A seta indica o local do sítio RS-S-61. Fonte: Acervo MARSUL.

RS-S-271 - Linha Gonzaga

Com numero do CRSA 323, o sítio arqueológico RS-S-271 não possui acervo de cultura material encontrado na reserva técnica do MARSUL, onde dispomos somente da ficha de registro deste sítio, um croqui (Figura 12) e uma fotografia.

Conforme Miller, o sítio está localizado

“A margem esquerda do Rio dos Sinos, cerca de 600 m há pequenos nascedouros de um córrego, na base pouco íngreme de uma coxilha, ora lavrada para agricultura ora campo (antigamente coberta de mata latifoliada) encontra-se o sítio cerâmico com duas manchas de terra escura à margem nordeste do mesmo. A cerâmica é tipo Morro da Formiga (Taquara), pouco abundante. Choppers, raspadores, lascas em pequeno número, um machado polido, etc. Data: 30/11/65.”

Embora não exista nenhuma informação na ficha, a fotografia encontrada mostra que foi realizada uma sondagem estratigráfica nesse sítio, que mostra claramente a presença de uma camada lenticular de terra escura, referente a uma das manchas mencionadas na ficha. Em qual das manchas foi feita a sondagem estratigráfica e qual o contexto do material encontrado, infelizmente, não fica claro.

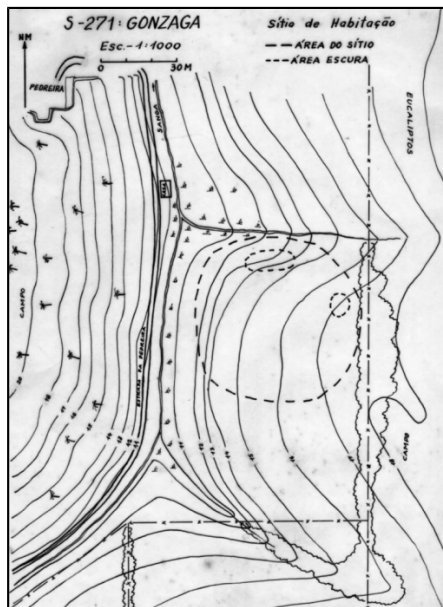


Figura 12: Croqui do sítio arqueológico RS-S-271. Fonte: Acervo MARSUL.

RS-S-293 - Arroio Taquara

Esse sítio tem o número do CRSA 474. Segundo informações registradas por E. T. Miller se trata de um:

“Sítio de habitação Guaraní. A 70 m para o sul da rua Pinheiro Machado em Taquara, junto à margem esquerda da canalização do Arroio Taquara, ao sul 100 m faixa Taquara-São Leopoldo, a leste capão (recentemente, digo, remanescente a antiga mata). Este sítio está situado em meio a uma várzea, a oeste de Taquara, e a apenas 2,5 m acima dos banhados que o rodeiam. Superfície com mandioca, milho a oeste, pasto e campo ao centro oeste no capão. muitos cacos pequenos a médios erodidos, alguns petrefatos. As manchas escuras ocupam mais de 180° da periferia do sítio. Proprietário Sr. Sauer, ex-prefeito de Taquara. Data: 13/01/66”.

Junto à ficha, foi localizado também um croqui com a planta baixa do sítio (Figura 13).

Além de coleta superficial, também foram feitas no sítio duas sondagens estratigráficas de 1,5 x 1,5 m cada, tendo ambas alcançado, em média, 70 cm de profundidade, embora o material lito-cerâmico tenha ocorrido somente nos primeiros 30 cm.

Junto à ficha de registro, foram ainda identificadas as seguintes informações sobre o material deste sítio: “com relação ao material lítico, estão contabilizadas 43 peças e para os fragmentos cerâmicos, pertencentes à tradição Tupiguarani, um total de 518 fragmentos, todos relacionados às coletas superficiais”.

Encontramos ainda a seguinte observação, na respectiva ficha de contagem de material: “246 fragmentos de cerâmica sem número; 17 líticos sem número e ainda 2 fragmentos de concha”, também em superfície.

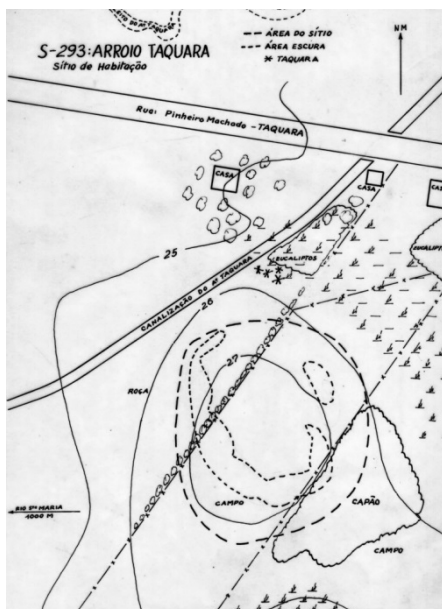


Figura 13: Croqui do sítio arqueológico RS-S-293. Fonte: Acervo MARSUL.

Também dispomos de uma fotografia de um perfil estratigráfico, mas sem informação sobre qual das sondagens está relacionada.

As informações abaixo são referentes ao Corte 1, Nível 1 (0-10 cm), realizados por E. T. Miller.

“Escavação de 1,5 x 1,5 m na parte centro oeste do sítio. Superfície capim, milho e mandioca. Solo fofo, muito úmido, cor cinza marrom escuro, pouco carvão, algumas raízes de capim e milho. Cacos pequenos a médios, erodidos e escassos. Data: 13/01/66”.

De acordo com a ficha de contagem original de material, neste nível estão registrados 1 peça lítica e 61 fragmentos cerâmicos, pertencentes à tradição Tupiguarani.

A descrição a seguir refere-se ao nível 2 (10-20 cm), também pertence ao Corte 1. Nessas informações registradas por E. T. Miller constam:

“Solo fofo, úmido, cor cinza marrom escuro, na base norte transição violenta para o cinza claro. Pouco carvão. Na base sul transição branda, poucas raízes de capim. Cacos pequenos e erodidos. Data: 13/01/66”.

A contagem original do material apresentava 1 peça lítica, mas nossa análise indicou 2 fragmentos de seixos basaltoides lascados. Os dados originais da contagem da cerâmica apresentavam 17 fragmentos, pertencentes à tradição Tupiguarani.

Seguem abaixo os dados referentes ao nível 3 (20-30 cm) do Corte 1. A informação registrada por este pesquisador menciona:

“Solo fofo, cinza claro para areia limpa ao norte, ao sul cinza claro. Sem carvão e muito úmido. Cacos pequenos e erodidos. Aos 50 cm começa a verter água e aos 70 cm encontramos areias movediças. Data: 13/01/66”.

Segundo a ficha de registro de contagem de material, neste nível não havia material lítico. Já a cerâmica era composta por 7 fragmentos classificados como pertencentes à tradição Tupiguarani.

Com relação à sondagem 2, para o Nível 1 (0-10 cm), Miller fornece as seguintes informações:

“Escavação de 1,5 x 1,5 m na parte centro nordeste do sítio. Superfície semi-gramada. Solo solto, cor cinza marrom claro, algumas raízes e carvão em pequena quantidade. Cacos médios a pequenos, erodidos. Data: 13/01/66”.

Na contagem para o nível 1, está registrado que não existe material lítico. Já a quantificação da cerâmica contabiliza 46 fragmentos pertencentes à tradição Tupiguarani.

Para o nível 2 (10-20 cm), nessa mesma sondagem, constam as seguintes informações:

“Solo fofo, cor cinza médio até 18 cm com pouco carvão, muita umidade, de 18 a 20 cm cor cinza escuro com muito carvão. Cacos pequenos e erodidos. Data: 13/01/66”.

A ficha de contagem de material registra que neste nível não foi encontrado material lítico. Já o material cerâmico pertencente à tradição Tupiguarani, compõe-se de 53 fragmentos.

O registro referente ao Nível 3 (20-30 cm) da sondagem 2, apresenta os seguintes dados:

“Solo solto, cor cinza escuro com muito carvão, tendendo aos 28 cm para cinza claro e pouco carvão. Solo úmido. Cacos pequenos e erodidos, aos 50 cm verte água e a areia aos 60 cm torna-se movediça. Data: 13/01/66”.

Junto a esta ficha, temos o registro da contagem geral do material encontrado. Segundo esses dados, não havia material lítico, somente cerâmica pertencente à tradição Tupiguarani, representada por 13 fragmentos cerâmicos, divididos em bases, bordas e paredes.

RS-S-379 – Moquéim 1

Com número do CRSA 4394, este sítio possui somente a ficha de registro e duas fotografias, uma delas mostrando um bloco rochoso com petroglifos (Figura 14).

Não encontramos nenhum acervo de cultura material na reserva técnica do MARSUL.



Figura 14: Detalhe do petroglifo do sítio arqueológico RS-S-379. Fonte: Acervo MARSUL.

O responsável pelas atividades de pesquisa nesse sítio arqueológico foi Pedro Augusto Mentz Ribeiro, no ano de 1971. Em suas anotações, consta:

“Osmildo Osvaldo Wagner – Moqué, Taquara. Toma-se a estrada Taquara-Rolante; logo após a descida do morro do Moqué, entra uma estrada à esquerda (que leva a Açoita Cavallo); 2 km por ela, bem numa curva, à esquerda entra um caminho que leva à casa do Sr. Osmildo, proprietário de um alambique; da estrada à casa são 500 m, aproximadamente. Da casa para o sítio, segue-se pelo caminho de roça que passa no alambique, sanga e sobe o morro com canavial; na meia encosta, 500 m adiante da casa, 50 m acima de uma vertente e 20 à esquerda do caminho, o caminho fica 1,5 m acima do nível dos petroglifos e a vertente uns 10-15 m abaixo), está uma pedra em rocha basáltica com petroglifos em sua superfície. Da pedra à sanga existe um desnível de 83 m. O local onde se encontra a pedra é mais ou menos plano. A pedra está voltada para o sul e os petroglifos, devido a concavidade na mesma, estão voltados para leste; possui 1,80 x 1,43 x 0,78 cm de comprimento, largura e espessura (esta até onde foi possível medir), respectivamente. A técnica usada na confecção dos petroglifos foi o alisamento. Existem tridáctilos, retas, “v”, etc. Foram copiadas em decalque em papel de seda encerado e pincel atômico; fotos sem e com giz, preto-branco e “slides”. Ao lado da pedra, distante 20 m junto ao caminho, encontramos alguns fragmentos de cerâmica tupi-guarani. O local dos petroglifos é um canavial; solo: basalto em decomposição. Coletor: Pedro A. Mentz Ribeiro. Data: 17 e 19/07/1971”.

Os petroglifos são claramente do Estilo Pisadas e devem estar associados a caçadores e coletores da tradição Umbu, em um período anterior ao assentamento tupiguarani na área.

RS-S-380 – Moqué m 2

Para o sítio arqueológico RS-S-380, com número do CRSA 4397, além de uma fotografia, o mesmo arqueólogo registrou os seguintes dados:

“Osmildo Osvaldo Wagner – Moqué m, Taquara. Para alcançar o sítio, veja o RS-S-379 (4394); o anterior está a meia encosta do morro e este está em cima, numa parte bem plana do mesmo; da casa ao sítio são 1000 m, aproximadamente (500 m dos petroglifos RS-S-379 (4394). O sítio está no fim do caminho, que alcança a parte superior do morro, lado esquerdo. O solo argiloso; área: 100 m de comprimento por 50 m de largura; água mais próxima: vertente; cultivo: roça em preparação. Material: cerâmica tupi-guarani e 1 talhador (afastado da concentração de cerâmica). Coletor: Pedro A. Mentz Ribeiro. Data: 17/07/1971”.

Os sítios arqueológicos apresentados abaixo, não estão registrados no CRSA do MARSUL. Entretanto, informações sobre os mesmos foram encontradas em um artigo manuscrito, não publicado, de autoria de André Luiz Jacobus (1994), com o título “Vasilhas cerâmicas guarani arqueológicas e estruturas funerárias”.

Esse autor, no entanto, menciona somente parte do acervo desses sítios, relacionado às urnas funerárias tombadas e foco do seu estudo, que se encontram na Reserva Técnica ou na Sala do Tombo do MARSUL e por este motivo estão inseridos em nosso estudo. O restante do acervo de cultura material, se havia, não foi localizado.

TQ 1 - Mineiro

Jacobus (1994) registra que a peça, uma urna funerária, foi:

“Coletada por Pedro A. Mentz Ribeiro em 1971 (nº de catálogo 4029). Situa-se na localidade de Mineiro, no município de Taquara, em terras de João Germano Klaus. Havia uma estrutura funerária que apresentava somente uma urna. Na imagem da figura existe o registro T-362”.

TQ 2 - Km4

Sobre essa peça Jacobus (1994) menciona que foi:

“Coletada por Eurico Th. Miller em 1978. Situa-se na localidade de Quilômetro Quatro, no município de Taquara, em terras pertencentes ao Hotel Vila Verde, próximo ao MARSUL. Havia uma estrutura funerária, a urna teve sua superfície pintada destruída com escova de aço e sua borda colada com cimento. A tampa ainda não foi restaurada, junto aos fragmentos dela encontram-se outros que ainda não foram classificados.

Na urna havia elementos ósseos humanos com aparência de madeira podre (fragmentos de fêmures, clavículas, talus, calcâneo, cúbitos, omoplatas, rádios, crânio, mandíbula, úmeros, fibulas, metapodiais, vértebras e costelas), muitos deles com partes azuladas onde preservou a cortical. O Dr. Jorge Ferigollo, vendo o material, sugeriu que o mesmo fosse submetido a uma análise química para saber-se que substância é esta que preservou partes da cortical.”

TQ 4 - Patomé

O seguinte registro refere-se ao sítio arqueológico TQ 4: Patomé, sobre o qual Jacobus (1994) mencionou:

“Pesquisa de Eurico Th. Miller, possivelmente em 1961. Situa-se na localidade de Patomé, no município de Taquara. Segundo o pesquisador “sobre a vertente noroeste do morro do Patomé”. Havia uma estrutura funerária, da qual identificamos no MARSUL somente a urna (tombo nº 592). O pesquisador faz referência a duas vasilhas, o que se constata na fotografia nº 16.”

RS-S-30 - Tucanos

Além dos sítios mencionados acima para o município de Taquara, que foram incorporados a nosso estudo, mais recentemente encontramos, na Reserva Técnica do MARSUL, materiais arqueológicos pertencentes a um sítio na localidade de Tucanos, cerca de 2 km a leste do centro urbano.

Além de um pequeno acervo de cerâmica tupiguarani, misturada a peças líticas típicas da tradição Umbu, as únicas informações de que dispomos, feitas por E. T. Miller, estão junto do material, em uma pequena etiqueta improvisada.

Nesta etiqueta, temos a seguinte descrição:

“RS-S-30 (S/nº) – Tucanos. Sítio Eldo Klein, no aviário Klein, perto do salão “redondo” 26/02/72”

No CRSA do MARSUL, estão listados mais 1 sítio arqueológico associado à tradição Taquara e 2 à tradição Tupiguarani, para a área do município de Taquara. Também foi encontrado no CRSA um sítio arqueológico para o município de Igrejinha, associado à tradição Taquara que, da mesma forma, não possui nenhuma outra informação nem acervo. Trata-se de um abrigo chamado Buraco do Bugre. Estes sítios não possuem número de catálogo, nem fichas de registro nem tampouco foram encontrados os conteúdos culturais dos mesmos na Reserva Técnica do MARSUL. Assim, não foram utilizados na amostragem.

1.2.3. Sítios Arqueológicos do município de Parobé

No município de Parobé, foram identificados 4 sítios arqueológicos, todos associados à tradição Tupiguarani.

RS-S-34 - Morro Negro

Desse sítio, que possui número do CRSA 34, não foi localizada a ficha de registro com descrição, somente seu nome listado naquele catálogo.

No entanto, sabemos que se trata de um sítio tupiguarani localizado em Morro Negro, no atual município de Parobé. Em Jacobus (1994), aparece a seguinte informação:

Pesquisa de Eurico Th. Miller, possivelmente em 1961. Situa-se na localidade de Morro Negro, no município de Taquara. Havia duas estruturas funerárias além de fragmentos de cerâmica e lítico. As vasilhas ilustradas na figura nº 14 não foram identificadas no MARSUL (a lápis está escrito T-803) Associados possivelmente a esta estrutura funerária foram encontrados uma placa peitoral perfurada em basalto e um tembetá em quartzo hialino, ambas as peças não identificadas no acervo do MARSUL. Na imagem da figura existe o registro T-134.”

O acervo material deste sítio é composto por um fragmento lítico de arenito friável e por 408 fragmentos de cerâmica da tradição Tupiguarani, das quais Jacobus (1994) reproduz (provavelmente a partir de originais de E. T.

Miller) duas reconstituições gráficas de vasilhas tombadas no MARSUL, associadas a estruturas funerárias (Figura 15) e duas fotografias, uma do momento da retirada de uma urna funerária corrugada e a mesma já na reserva técnica. Nenhum desses documentos originais foi localizado no MARSUL.

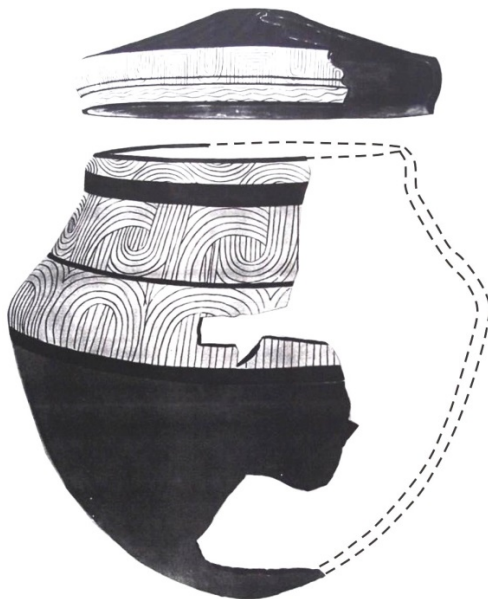


Figura 15: Reprodução de "estrutura funerária" do sítio RS-S-34. Fonte: modificado de Jacobus, 1994.

Além desse material, Jacobus (1994) também menciona e mostra imagens de 2 artefatos que, segundo ele, estariam acompanhando os sepultamentos, como mobiliário: uma plaqueta polida de basalto, com função de adorno peitoral e um fragmento proximal de tembetá, aparentemente de quartzo hialino, que infelizmente não foram localizados na reserva técnica do MARSUL.

RS-S-260 - Pinhal

O sítio arqueológico RS-S-260, com número de CRSA 433, pesquisado por E. T. Miller contém as seguintes informações, registradas em sua documentação:

"Enterramento. Em terras do Sr. Renato Batista, morador local. Localiza-se este sítio sobre o alto de um coxilhão, acompanhando seu eixo que vai de leste para oeste, num suave declive. O terreno está em roça de mandioca, para oeste e leste campo. Água mais próxima fica a 80 m coxilha abaixo na direção sul, dentro de uma pequena mata. O terreno é lavrado de longa data por seus familiares que, conta, quebraram muita louça. O sítio fica a 700 m do rio dos Sinos à margem esquerda, e a 1500 m a oeste da Vila de Santa Cristina do Pinhal. Há dois meses, pela lavração foram quebradas várias panelas grandes e pequenas, muitas partes foram levadas pelos curiosos. Escavamos e encontramos alguns cacos. Conseguimos ainda uma pequena panela. A ausência de coloração a não ser a da terra indica que pertenceu a um enterramento. Data: 11/12/65".

Parte integrante da documentação deste sítio, a ficha original de contagem de material registra que não havia material lítico, somente cerâmica pertencente à tradição Tupiguarani, coletada superficialmente e em duas sondagens estratigráficas.

Ainda fazem parte da documentação deste sítio arqueológico, um croqui (Figura 16) e uma fotografia.

No croqui original, aparecem duas notações para a sigla do sítio. No entanto, confirmando na listagem de sítios do CRSA, o número correto é 260.

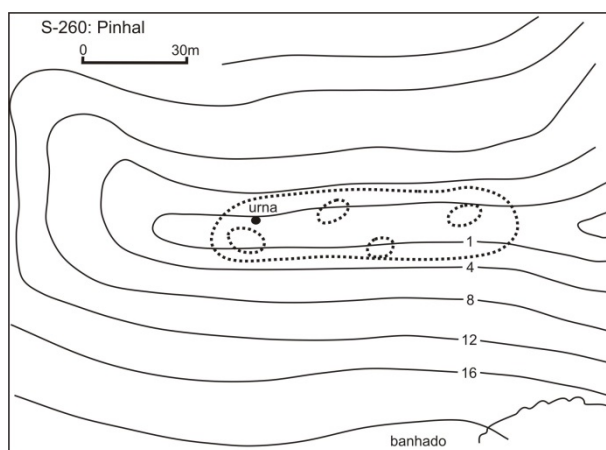


Figura 16: Croqui do sítio arqueológico RS-S-260, modificado a partir do original de Miller. Fonte: Acervo MARSUL.

A seguir, apresentamos os dados registrados por E. T. Miller, nas sondagens estratigráficas realizadas no sítio. Iniciamos pelas informações acerca do registro do conteúdo cultural do Corte 1, nível 1 (0-10 cm), com o número de catálogo 434. Segundo a documentação temos:

“Escavação de 1x1 m, parte centro sul do sítio. Superfície pouco capim. Solo fofo com algumas raízes de capim. Coloração cinza escuro, pouco carvão. Cacos médios a pequenos, mas pouco erodidos. Pequena quantidade fragmentos de polidor de arenito. Data: 11/12/65”.

A ficha de contagem original apresenta 1 fragmento de arenito friável e 2 seixos basaltoides, extremamente pequenos. Já o material cerâmico estaria composto de 37 cacos, pertencentes à Tradição Tupiguarani.

Ainda referente ao Corte 1, temos as seguintes informações para o nível 2 (10-20 cm):

“Solo fofo sem raízes, pouco carvão, coloração cinza escuro. Cacos médios e pequenos, pouco erodidos, pequena quantidade. Pedacos de pedra grês (arenito). Data: 11/12/65”.

Na contabilização original do material para este nível identifica 7 objetos líticos e 25 cacos de cerâmica da Tradição Tupiguarani.

Para o Nível 3 (20-30 cm) do Corte 1, temos:

“Solo fofo, sem raízes, pouco carvão. Coloração cinza claro e cinza escuro na parte norte da escavação, onde estão mais concentrados os cacos. Cacos médios a pequenos, pouco erodidos. Pouquíssimos. Pedação de pedra grés. Data: 11/12/65”.

A descrição da quantidade de material lito-cerâmico está assim apresentada: 1 fragmento de arenito friável e 10 fragmentos cerâmicos.

Registrando as informações para o Nível 4 (30-40 cm), E. T. Miller apresenta:

“Solo fofo, sem carvão, coloração terra local manchada de cinza. Um (1) caco e uma pedra grés na parte norte da escavação entre 30 e 35 cm. Data: 11/12/65”.

Conforme a contagem original, este nível apresenta 1 objeto lítico, descrito como um fragmento de seixo de arenito silicificado. Com relação à cerâmica, 1 fragmento (corpo) apresentando a decoração unglada, pertencendo à tradição Tupiguarani.

Ao realizar uma segunda sondagem, Corte 2, no Nível 1 (0-10 cm) E. T. Miller registrou:

“Escavação efetuada na parte centro norte do sítio. Superfície limpa. 1x1 m. Solo fofo de cor cinza escuro, pouco carvão. Cacos homogeneamente espalhados, tamanho médio a pequeno, pouco erodidos. Um polidor de arenito. Pedras de arenito. Data: 11/12/65”.

A ficha de contagem original do material deste corte registra que havia 3 objetos líticos, enquanto que a cerâmica foi quantificada em 31 fragmentos, que pertencem a tradição Tupiguarani.

No Nível 2 (10-20 cm), Miller registrou o seguinte:

“Solo fofo, cinza escuro, pouco carvão. Cacos grandes e pequenos, pouco erodidos. Pedações de arenito. Data: 11/12/65”.

A ficha de contagem do material registra 3 fragmentos de arenito friável, e 22 fragmentos de cerâmica da Tradição Tupiguarani.

E. T. Miller, registra para o Nível 3 (20-30 cm) do Corte 2, o seguinte:

“Solo fofo, cinza claro (manchas) e arenoso, pouquíssimo carvão. Cacos médios e pequenos, poucos. Data: 11/12/65”.

O material lítico está caracterizado por 1 fragmento de arenito friável. Já a contagem cerâmica registra originalmente 8 fragmentos.

No último nível escavado, Nível 4 (30-40 cm) do Corte 2, temos o seguinte registro:

“Solo fofo, cor areia suja, sem carvão. Um caco grande, um pequeno. Um núcleo de basalto. Data: 11/12/65”.

Como ocorrido com outros sítios arqueológicos, André Jacobus (1994) faz a seguinte descrição para o sítio arqueológico RS-S-260 - Pinhal:

“Pesquisado por Eurico Th. Miller, em 11/12/65, durante o PRONAPA. Coleta superficial (n° catálogo 433) e dois cortes estratigráficos de 1x1 m, com quatro níveis de 10 cm cada um. Corte 1 (434 a 437) e corte 2 (438 a 441). Recuperou 256 fragmentos de cerâmica e 19 líticos. Inicialmente o sítio tinha a sigla RS-S-271. Situa-se na localidade de Santa Cristina do Pinhal, no município de Parobé, a 700 m da margem esquerda do rio dos Sinos e a 1500 m da sede da localidade, em terras de Renato Batista. Na figura n° 4

encontra-se a planta baixa do sítio, não há indicação da localização dos dois cortes, somente de áreas escuras e da urna.”

Nos dois registros (Miller e Jacobus), é mencionada uma estrutura funerária. Junto ao acervo do sítio no MARSUL, identificamos uma vasilha, que poderia ser a urna mencionada, além de fragmentos do que seria a tampa dessa estrutura, todas com decoração predominantemente unglulada. A panela mencionada por Miller, encontrada inteira, foi tombada com o n° 320, mas não foi encontrada.

RS-S-291 - Zezinho Paz 1

Com número de CRSA 472, outro sítio arqueológico pesquisado por E. T. Miller, no município de Parobé, é o sítio RS-S-291 - Zezinho Paz 1. Na ficha original deste sítio consta:

“Proprietário: Darcy Pereira. Santa Cristina do Pinhal. Sobre uma elevação a 400 m da estrada para São Leopoldo e a esquerda do rio dos Sinos e deste 1300 m. Entre duas estradas de roça que tangem. A leste o mato, ao sul o pico do morro, a oeste roça e capoeira. Solo arenoso com mudas de eucalipto, a 20 cm no subsolo a base arenítica do morro. Sítio de habitação pequeno com três manchas de terra preta, poucos cacos pequenos e erodidos. Algumas lascas e pedras de arenito cozido. O material foi colhido por todo o sítio, a maioria na parte norte. Data: 10/01/66.”

Fazem parte da documentação desse sítio um croqui com planta baixa (Figura 17) e uma fotografia da área.

Segundo a contagem original do material, encontrada junto à ficha de registro, haveria 63 peças líticas e 294 fragmentos cerâmicos.

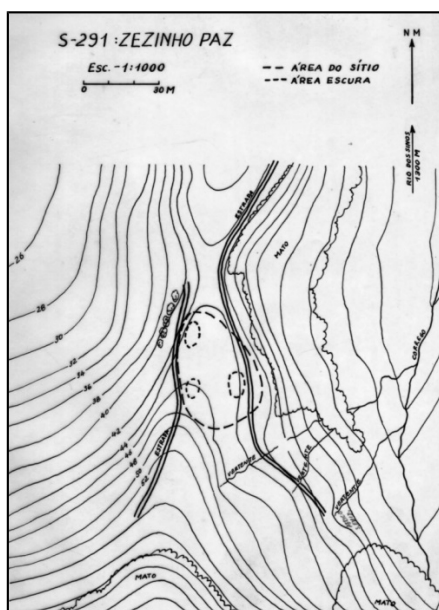


Figura 17: Croqui do sítio arqueológico RS-S-291. Fonte: Acervo MARSUL.

RS-S-292 - Zezinho Paz 2

O sítio RS-S-292 tem como número do CRSA 473. Nas informações originalmente registradas por E. T. Miller consta que se localiza:

“Numa colina, digo coxilha a 700 m da margem esquerda do rio dos Sinos e à direita da estrada de São Leopoldo. Ao norte, cemitério e mato, a leste várzea e casa do proprietário, a oeste campo e capoeira. Solo arenoso e fofo. Sítio coroa a elevação, sendo de tamanho pequeno, com duas manchas de terra escura, para oeste. Cacos pequenos e muito erodidos, sem concentração e colhidos por todo o sítio. Data: 11/01/66”.

A documentação compreende um croqui do sítio (Figura 18) e uma fotografia da área. A contagem do material, segundo a ficha original, registra 12 peças líticas e 134 fragmentos cerâmicos da tradição Tupiguarani.

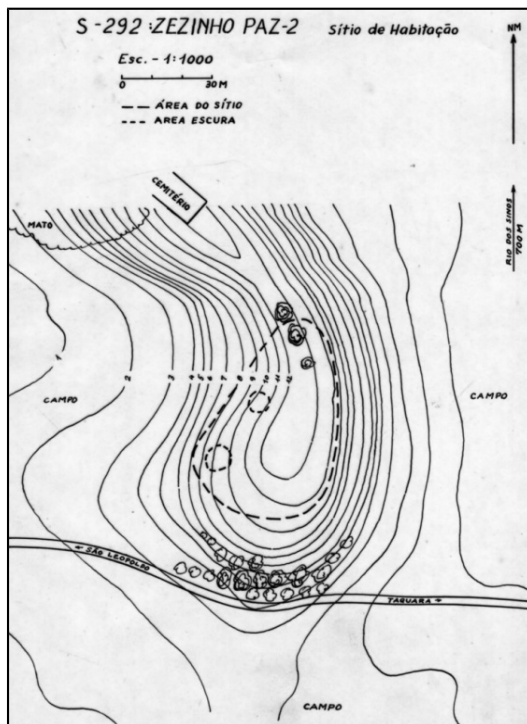


Figura 18: Croqui do sítio arqueológico RS-S-292. Fonte: Acervo MARSUL.

1.2.4. Sítios Arqueológicos do município de Sapiranga

No município de Sapiranga foram localizados 7 sítios arqueológicos, 4 pertencentes somente à tradição Tupiguarani e 3 considerados multicomponenciais, pois apresentam material das tradições Taquara e Tupiguarani. Destes, 5 tiveram atividades de coleta e em 2 foram realizadas sondagens estratigráficas.

RS-S-281 - Porto Palmeira 1

A região do Porto Palmeira ou Porto das Palmeiras é de grande interesse para a nossa pesquisa, pois é um dos raros locais, dentro da área de estudo e fora da parte alta da bacia hidrográfica do Paranhana em que aparecem, num pequeno espaço, 3 sítios multicomponenciais com presença de cerâmica Tupiguarani e Taquara.

As informações das fichas de registro e contagens de material originais são apresentadas a seguir.

Para o sítio RS-S-281, cujo número de CRSA é 454, Miller registra as seguintes informações:

“Proprietário: Olimerindo Cesário da Silva, morador local. Sítio de habitação Guarani. Superfície parte campo e parte roça de mandioca e cana-de-açúcar, mais ou menos limpa. Duas manchas pequenas de terra escura. A margem direita do rio dos Sinos, +-120 m no local chamado Porto das Palmeiras. Elevação baixa tipo coxilha. Ao sul o rio e banhados, a oeste pequena várzea com arroio, ao norte roça e S-282 e ao leste a estrada para o porto (barca) com plantação de acácia. Solo +- solto (arado) cor cinza marrom claro, ao redor solo arenoso argiloso. Cacos pequenos a médios, erodidos. Alguns tipo Morro da Formiga (Taquara). Poucos petrefatos. Data: 26/12/65”

Fazem parte da documentação deste sítio arqueológico, um croqui da área pesquisada e uma fotografia da mesma (Figuras 19 e 20).

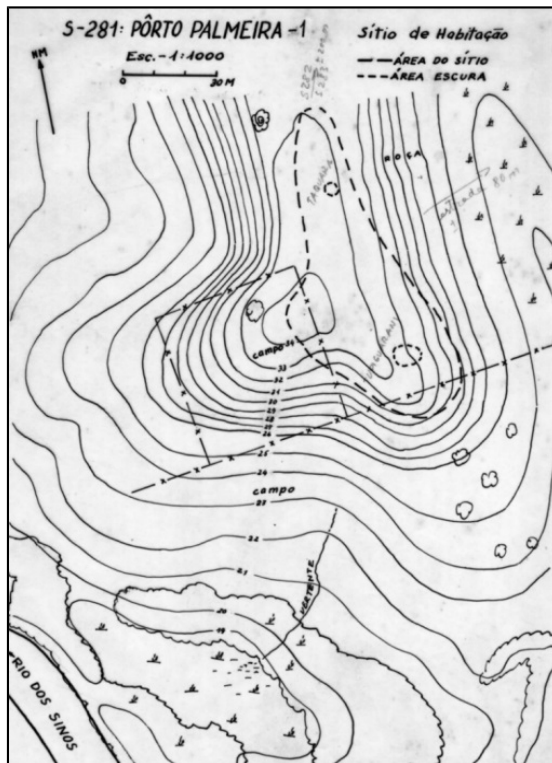


Figura 19: Croqui do sítio arqueológico RS-S-281. Fonte: Acervo MARSUL.



Figura 20: Vista geral da área do sítio arqueológico RS-S-281. Fonte: Acervo MARSUL.

Este sítio não recebeu intervenção subsuperficial, somente coleta de superfície, em dois locais, mencionados por Miller. A ficha de contagem original do material apontava para 17 peças líticas e 147 fragmentos de cerâmica pertencentes à tradição Tupiguarani.

Apesar de informar na ficha de registro, Miller não discrimina na contagem os fragmentos da tradição Taquara. Porém, na análise que fizemos, encontramos 2 fragmentos dessa tradição cerâmica.

RS-S-282 - Porto Palmeira 2

Com número do CRSA 455, Miller registra o sítio arqueológico RS-S-282 – Porto Palmeira 2, as informações abaixo:

“Pela mesma coxilha do S-281 para o norte \pm 120 m. A oeste pequena várzea e arroio, para norte roça e banhado, a oeste junto ao sítio estrada do porto (barca) para o sul S-281. Solo +- solto (arado) cor cinza marrom claro, ao redor solo areno-argiloso. Três manchas de terra escura. Cacos pequenos a médios, alguns grandes, +- erodidos, colhidos em toda a superfície, principalmente aqueles que talvez pertençam a um panelão com escora interna.

Alguns cacos tipo Morro da Formiga (Taquara). Poucos petrefatos. Proprietário: Olimerindo Cesário da Silva, morador local (terras dos familiares). Data: 27/12/65”.

Faz parte da documentação deste sítio arqueológico um croqui com planta baixa (Figura 21), que também agrega o sítio RS-S-283.

Junto com os registros documentais, encontramos também mais 3 fotografias, sem identificação. Comparando com a descrição feita por Miller e com a planta baixa do croqui, pudemos associar a imagem da Figura 19 com uma vista dos sítios S-282 e S-283, a partir do segundo em direção ao primeiro, que possui área recém arada.

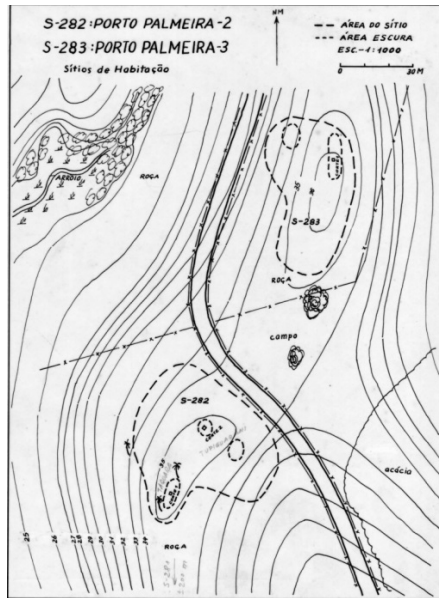


Figura 21: Croqui dos sítios arqueológicos RS-S-282 e RS-S-283. Fonte: Acervo MARSUL.

A ficha de contagem original registra 49 peças líticas e 519 fragmentos cerâmicos, associados à tradição Tupiguarani, resgatados na coleta superficial. Junto desta ficha ainda estão registradas as seguintes informações: “1 fragmento de afiador em canaleta, 29 fragmentos de cerâmica da tradição Taquara”.

Embora não mencionado na descrição geral do sítio, este sítio recebeu intervenção subsuperficial em duas sondagens estratigráficas de 1 x 1,5 m, sendo que cada sondagem e cada nível artificial escavado recebeu um número separado de CRSA.

Para a sondagem 1 (CRSA 456), Miller informa:

“Escavação de 1,5 x 1,5 m ao sul do sítio, onde encontramos cacos Tipo Morro da Formiga (Taquara) e lascas de arenito cozido. Superfície alguns cacos e lascas, com plantação de mandioca. Solo solto, cor cinza marrom médio, pouco carvão. Cacos pequenos e erodidos. Algumas lascas. Data: 27/12/65”.

A ficha de contagem de material para este corte, no nível 1 (0-10 cm, CRSA 456), Miller registra as seguintes informações: “material lítico composto por 34 peças, 7 cacos de cerâmica da tradição Tupiguarani”. Nesta ficha existe, ainda, a seguinte observação: “10 fragmentos de cerâmica Taquara”.

Para o nível 2 (10-20 cm, CRSA 457), Miller registrou:

“Solo pouco mais compacto, cor cinza marrom escuro, carvão não muito abundante. Cacos pequenos e erodidos. Algumas lascas. Data: 27/12/65”.

Na ficha original de contagem de material, estão registradas 34 peças líticas e 30 fragmentos cerâmicos associados à tradição Tupiguarani, Há ainda o registro de 6 fragmentos cerâmicos característicos da tradição Taquara

O último nível escavado, nível 3 (20-30 cm, CRSA 458) do Corte 1, Miller registra os seguintes dados:

“Solo fofo, cor cinza marrom claro, pouco carvão. Cacos pequenos e erodidos (até 29 cm). Algumas lascas. Escavamos mais 40 cm chegando a uma camada natural não arqueológica de seixos profundamente (totalmente) oxidados de basalto, que não apresentava à mão muito peso. Data: 27/12/65”.

Estão quantificados 10 objetos líticos e 3 fragmentos cerâmicos que pertencem à tradição Tupiguarani. Ainda está registrada a identificação de 1 fragmento de cerâmica Taquara.

A sondagem 2 está identificada com o número do CRSA 459. Em seu nível 1 (0-10 cm), registrou:

“Escavação de 1,5 x 1,5 m na parte centro-nordeste, ao canto de uma mancha de terra escura. Superfície cultivada com mandioca. Solo solto, cor cinza marrom médio, pouco carvão. Cacos pequenos a médios e pouco erodidos. Data: 27/12/65.”

Na ficha de contagem de material, está registrado que neste nível não havia material lítico.

Já os fragmentos cerâmicos totalizam, pela contagem original, 62 fragmentos, pertencentes à tradição Tupiguarani.

Na sondagem 2, nível 2 (10-20 cm, CRSA 460), Miller registra as seguintes informações:

“Solo solto, cor cinza marrom escuro, muito carvão, com (colhemos amostra para C¹⁴) algumas manchas cinza marrom claro. Cacos pequenos a médios, pouco erodidos. Data: 27/12/65.”

Na ficha de contagem de material, não existe registro para material lítico. Já a cerâmica encontrada está atribuída a tradição Tupiguarani e compõem-se de 18 cacos.

Para o último nível, nível 3 (20-30 cm, CRSA 461), Miller registra:

“Solo fofo, cor cinza marrom médio, muito carvão (colhemos amostra para C¹⁴), manchas marrom claro. Cacos pequenos a médios, pouco erodidos. Cacos até 30 cm. Abaixo, aos 35 cm, areia limpa até 80 cm de profundidade. Data: 27/12/65.”

A data para o carvão recolhido é de 1380 ± 110 anos A.P. (SI-414), ou 570 anos d.C.

A quantificação encontrada junto da documentação original, registra a ocorrência de 4 fragmentos cerâmicos pertencentes à tradição Tupiguarani. Não existe material lítico para este nível.

RS-S-283 - Porto Palmeira 3

O sítio arqueológico RS-S-283, com número do CRSA 462, foi pesquisado por E. T. Miller, que registrou as seguintes informações gerais:

“A nordeste do S-282, a +- 70 m, tendo a estrada do porto entre ambos, e a mesma coxilha por base. Sítio de habitação. A sul e oeste a estrada, ao norte eucaliptos (1 m) e a leste eucaliptos e acácias. Superfície em capinzal e roça de mandioca, com algum milho. Duas manchas de terra escura, a de oeste ocupada por cacos Guaranis e a de leste por grande quantidade de lascas e choppers. A 6 m dos cacos Guaranis, para o sul, cacos (poucos) tipo Morro da Formiga (Taquara). Cacos médios pouco erodidos. Proprietário: Elísio Costa, morador local (familiares). Data: 27/12/65.”

A ficha original de contagem de material registra a ocorrência de 107 objetos líticos em superfície. Para a cerâmica foram contabilizados, originalmente, 294 cacos representativos da tradição Tupiguarani. Uma observação, feita por Miller na ficha do sítio, indica ainda a presença de 7 fragmentos de cerâmica da tradição Taquara, todos em superfície.

Foi feita uma sondagem estratigráfica de 2,0 x 2,0 m, escavada em dois níveis estratigráficos artificiais. No nível 1 (0-10 cm, CRSA 463), Miller registrou:

“Escavação de 2 x 2 m ao centro da mancha contendo lascas. Superfície com capim e mandioca. Solo solto cor cinza escuro, pouco carvão, raízes de capim. Algumas lascas e um caco. Data: 27/12/65.”

Na ficha original de contagem de material, são registradas 52 peças líticas. Embora não ocorra cerâmica, a afiliação cultural feita por Miller associa as peças líticas à tradição Tupiguarani.

Para o nível 2 (10-20 cm, CRSA 464), Miller registrou:

“Solo solto cor cinza claro, pouco carvão, algumas raízes. Lascas de basalto e arenito cozido, até 18 cm. Nenhum caco. Abaixo até 80 cm nada encontramos. Data: 27/12/65.”

A ficha original de contagem de material registra 23 peças líticas, sem a presença de material cerâmico. Como no nível anterior, Miller associa o material lítico à tradição Tupiguarani.

RS-S-375 - Otto Wingert 1 e RS-S-382 - Otto Wingert 2

Esses dois sítios (CRSA 4385 e 4395, respectivamente) foram pesquisados por Pedro Augusto Mentz Ribeiro, entre 25 de março e 22 de abril do ano de 1967. Segundo sua informação na ficha de registro, o sítio localiza-se em:

“Sapiranga, proprietário: Otto Wingert. O sítio “1” (4385) está na encosta sul de uma suave elevação de terreno e o “2” (4395) na encosta norte de um morro próximo à baixada e distante do “1” em linha reta, 600 m, aproximadamente.

Para chegar-se nos sítios toma-se a estrada Sapiranga-Kraemer Eck, até a casa do proprietário são 3 km e está à esquerda da estrada, uns 100 m depois à direita um caminho de roça leva ao sítio “1” distante 400 m e bem junto ao caminho, à direita, ao “2” deve-se tomar o caminho à esquerda, distante uns 200 m depois da casa do Sr. Otto, e neste último caminho, mais 200 m, depois de passar por um arroio e iniciar a subida (está em ambos os lados, mas o caminho cortou a extremidade leste do mesmo). Sítio “1”: área de 30 m de diâmetro, solo arenoso, água mais próxima: arroio Sapiranga uns 100 m ao sudoeste. Material: cerâmica Tupiguarani. O local é lavrado há 15 anos e no início apareciam manchas pretas no chão. Cultivo: mandiocal (parte de mato natural cobre o sítio). Sítio “2”: solo arenoso, área de 30 m de diâmetro, água mais próxima arroio Sapiranga a 150 m ao norte. Material: cerâmica tupiguarani. Cultivo: mandiocal, canavial e macegas. O proprietário diz que aparecia mancha preta circular mas fazem 45 anos que o local é lavrado. Registrado por: Pedro Augusto Mentz Ribeiro. Data: 25/03 e 22/04/67.”

Segundo a ficha de contagem de material, no sítio RS-S-375 foram recolhidos, em superfície, 157 cacos de cerâmica da tradição Tupiguarani. No sítio RS-S-382, também através de coleta superficial, foram obtidos 82 fragmentos de cerâmica tupiguarani.

Não existe nenhuma outra documentação (croqui com planta baixa, fotografias) no acervo documental do MARSUL.

RS-S-378 - José Wenter 1 e RS-S-383 - José Wenter 2

Os sítios RS-S-378 (CRSA 4388) e RS-S-383 (CRSA 4396) foram também pesquisados por Pedro Augusto Mentz Ribeiro, na mesma época dos sítios mencionados acima.

Uma única ficha de registro foi encontrada, onde estão as seguintes informações:

“Morro Ferrabraz, Sapiranga. Proprietário: José Wenter. Para chegar-se nos sítios deve-se tomar a estrada de Amaral Ribeiro ao Morro Ferrabraz; uns 3 km da primeira localidade, no grande patamar do morro, depois de um entroncamento sendo que a esquerda acompanha o patamar podendo-se, por ele, alcançar ou a parte baixa novamente, ou a Picada São Jacob e, seguindo-se reto por uns 100 m, a direita, está a casa do proprietário. Nos fundos da casa, distante uns 50 m, num lugar plano está o sítio “1”; o sítio “2” está em frente, de outro caminho, uns 150 m distante e num local mais alto, num pequeno patamar.

Características do sítio “1”: área 50 x 30 m, solo avermelhado (basalto em decomposição), água mais próxima é uma vertente e pequenos córregos (o mais próximo 100 m), cultivo de milho, aveia e cana-de-açúcar. Material: cerâmica tupiguarani. Encontrava manchas pretas de mais ou menos 5m de diâmetro logo que abriu o mato para fazer roça, encontrou 3 manchas e uma delas tinha mais ou menos 10 m de diâmetro, fazem muito anos.

Sítio “2”: área 100 x 300 m, solo avermelhado (basalto em decomposição), água mais próxima vertentes e córregos (mais próxima a 100 m), cultivo de hortaliças e solo arado para cultivo. Material: cerâmica tupiguarani.

O proprietário doou uma boleadeira. Registrado por: Pedro Augusto Mentz Ribeiro. Data: 25/05/67”.

Para esses sítios, também não existe nenhuma outra documentação (croqui com planta baixa, fotografias) no acervo documental do MARSUL.

Embora a ficha de registro mencione material cerâmico nos dois sítios, somente encontramos no acervo a cerâmica do sítio S-378, com 99 fragmentos associados à tradição Tupiguarani, além de 2 peças líticas.

Para o sítio S-383, nada foi localizado. Também não encontramos a bola de boleadeira, referida por Mentz Ribeiro, na ficha de registro.

Nesse capítulo, fornecemos as informações básicas sobre os sítios amostrados, procurando mostrar o que encontramos, especialmente, no acervo documental do MARSUL.

2. A OCUPAÇÃO DO MÉDIO VALE DO RIO DOS SINOS E DO VALE DO RIO PARANHANA PELOS GRUPOS PORTADORES DAS TRADIÇÕES TAQUARA E TUPIGUARANI

A partir do estudo dos sítios arqueológicos de uma área que envolve o médio vale do rio dos Sinos e, integralmente, o vale do rio Paranhana, um de seus principais afluentes, buscou-se compreender o processo de ocupação dessa vasta área pelos grupos portadores das tradições cerâmicas Tupiguarani e Taquara.

Trabalhamos com uma amostra de 27 sítios, 18 associados à tradição Tupiguarani, 3 à tradição Taquara e 6 onde ocorrem vestígios cerâmicos das duas tradições, que chamamos de sítios “multicomponenciais”.

Os sítios foram relacionados a micro-áreas dentro do espaço maior da área de estudo, a partir das divisões geopolíticas de 4 municípios: Três Coroas, Taquara, Parobé e Sapiranga.

2.1. Os sítios de Três Coroas

Na região de Três Coroas, que corresponde a área do médio e alto vale do rio Paranhana, foram estudados 7 sítios, sendo 3 deles associados somente a ocupação de portadores da tradição Tupiguarani, 1 associado somente a ocupação de portadores da tradição Taquara e 3 multicomponenciais, que apresentam materiais cerâmicos associados às duas tradições tecnológicas.

Os sítios tupiguarani da área estudada encontram-se localizados na parte média do vale, associados ou ao rio principal ou a importantes afluentes, em áreas que ainda mantém várzeas mais amplas, terraços fluviais ou suaves aclives para instalação dos assentamentos.

A cerâmica, nesses sítios, possui uma grande semelhança entre si em termos de tecnologia de produção e morfologia, representada principalmente por vasilhas de tamanho pequeno a médio (com relativamente pouca capacidade volumétrica, em comparação com o repertório tradicional do grupo), envolvendo essencialmente recipientes para preparar e cozer alimentos sólidos e líquidos e para servi-los, sem grandes vasilhas para armazenamento.

Nota-se na produção das vasilhas, em todos os casos, a utilização sistemática de antiplástico arenoso grosseiro com baixo grau de arredondamento dos grãos de quartzo.

O tratamento de superfície apresenta, invariavelmente, uma alta proporção de decoração plástica unglada e alisada (simples), em comparação com outras mais comuns, como o corrugado, corrugado unglado e o pintado, além de estarem presentes também alguns poucos fragmentos com decoração escovada e espatulada (Tabela 2).

Em um dos sítios de ocupação tupiguarani (RS-S-296), ocorrem dois fragmentos de cerâmica com decoração ponteadada, da tradição Taquara, que pode estar representando algum tipo de contato entre os dois grupos, como ocorre nos sítios RS-S-320 e 321, a cerca de 6 km a leste. No entanto, as evidências aqui não são claras.

O único sítio somente com material da tradição Taquara (RS-S-301), está localizado no extremo norte do vale do Paranhana, na transição com as áreas mais aplanadas do topo do planalto, em cota com cerca de 700 m. Encontra-se próximo a um arroio, mas afastado das drenagens maiores.

Originalmente foi informado que teria cerâmica daquela tradição tecnológica associada ao material lítico resgatado; porém, a cerâmica não foi encontrada na Reserva Técnica do MARSUL. Há também a informação de que poderia ter havido uma casa subterrânea, que não foi constatada *in loco* na pesquisa de campo original.

Os sítios RS-S-320 e 321, localizados próximos entre si, na porção nordeste da bacia, em cotas acima de 700 m, longe de grandes cursos de água, podem ser associados a assentamentos de grupos portadores da tradição Taquara. Porém, nos dois casos são reportadas áreas com solo antropogênico (3

em cada sítio) onde, em um deles, ocorre exclusivamente cerâmica da tradição Tupiguarani, enquanto que nas outras, somente cerâmica da tradição Taquara.

Tabela 2: Quantificação do material cerâmico da tradição Tupiguarani, nos sítios do município de Três Coroas

| Decoração Sítio | C | C/Esp | CU | C/U/Esc | U | Esc | Esc/U | Esp | Bel | Pint | S | NC | Total |
|--------------------|-----|-------|----|---------|-----|-----|-------|-----|-----|------|-----|----|-------|
| S-296 | 127 | | 55 | | 137 | 6 | 1 | | | 93 | 161 | 62 | 642 |
| S-299 | 20 | 1 | 17 | | 33 | | | 1 | | 29 | 14 | 17 | 132 |
| S-300 | 9 | | 6 | 35 | 4 | | | | | 9 | | | 63 |
| S-320 | 6 | | | | | | | | 4 | 5 | 4 | 9 | 28 |
| Total | 162 | 1 | 78 | 35 | 174 | 6 | 1 | 1 | 4 | 136 | 179 | 88 | 865 |

Explicação das abreviações no Anexo.

A implicação desse fenômeno é de grande importância, pois pode estar relacionado (de forma ainda mais clara que no caso do sítio RS-S-296) a contato entre os grupos, com possibilidade de terem estabelecido uma interação através de convivência.

A cerâmica que ocorre nesses sítios é tipicamente aquela associada ao sítio tipo do Morro da Formiga (RS-S-61), na porção baixa do vale, com pasta bem homogênea, queima oxidante completa e eventualmente redutora, com antiplástico geralmente arenoso, formado por grãos de quartzo finos, mas em grande quantidade, pouco arredondados, tornando sua textura áspera ao tato e susceptível a erosão.

As formas são geralmente pequenas, de corpo cilíndrico vertical ou em meia calota, bordas diretas ou levemente infletidas (algumas com pequeno espessamento no lábio), paredes finas e com tratamento de superfície predominantemente unglado, seguido de ponteadado e alisado (simples) (Tabela 3).

Tabela 3: Quantificação do material cerâmico da tradição Taquara, nos sítios do município de Três Coroas

| Decoração Sítio | U | Pont | U/Pont | Dig | Inc | Pin | Pin/U | S | NC | Total |
|--------------------|----|------|--------|-----|-----|-----|-------|----|----|-------|
| S-296 | | 2 | | | | | | | | 2 |
| S-320 | 72 | 32 | 1 | 3 | 1 | 6 | 2 | 20 | 35 | 172 |
| S-321 | 7 | 7 | | | 2 | | | 9 | 5 | 30 |
| Total | 79 | 41 | 1 | 3 | 3 | 6 | 2 | 29 | 40 | 204 |

Explicação das abreviações no Anexo.

Por fim, o material lítico em todos os sítios, independentemente se associados à tradição Tupiguarani ou Taquara, não parece diferir muito em termos morfológicos nem quanto às técnicas de produção, sendo muito difícil separá-los.

No entanto percebe-se, nos sítios associados à tradição Taquara, uma inflexão maior para o aproveitamento de seixos brutos de basalto, especialmente

apresentando quebras intencionais, como se a matéria prima estivesse sendo testada quanto a sua qualidade, bem como a produção de gumes abruptos, embora gerando instrumentos não formatizados. Além disso, percebe-se também uma significativa frequência de utilização de lascas unipolares, especialmente primárias, onde uma aresta lateral recebeu alguns poucos retoques a fim de produzir um fio cortante.

A alta frequência de grandes talhadores com gume distal, geralmente bifaciais, que lembram “chopping tools”, produzidos em seixos de grande tamanho, também é notável nos sítios da tradição Taquara, embora talhadores desse tipo ocorram também em sítios da tradição Tupiguarani.

Tabela 4: Quantificação geral do material lítico, nos sítios do município de Três Coroas

| Sítio | S-296 | S-299 | S-301 | S-320 | S-321 | T |
|-----------|-------|-------|-------|-------|-------|-----|
| Categoria | | | | | | |
| S | 5 | | | 11 | | 16 |
| SL | | | | 49 | 17 | 66 |
| SLg | | | | 26 | 13 | 39 |
| Nunip | 1 | | | 4 | 1 | 6 |
| LP | 3 | | | 36 | 3 | 42 |
| LPg | | | 3 | 28 | 9 | 40 |
| LS | 5 | | 5 | 11 | | 21 |
| LSg | | | 2 | 8 | 2 | 12 |
| Nbip | | | | 2 | | 2 |
| Lbip | 1 | | | 1 | | 2 |
| Frag | 15 | | 2 | 1 | 4 | 22 |
| Frag S | 1 | | | | | 1 |
| Frag SL | | | | | | |
| Frag SLg | | | | | 2 | 2 |
| Frag Lasc | | | | 4 | | 4 |
| Frag Inst | | | | 2 | 1 | 3 |
| Plaq | 1 | 1 | | | | 2 |
| Pris | | 2 | | 2 | | 4 |
| Per | | | | 2 | | 2 |
| Tal | 6 | 1 | 3 | 18 | 12 | 40 |
| Rasp | 1 | | | 4 | 1 | 6 |
| Enx | | | | | | |
| Qc | | | | | | |
| Lent | | 1 | | | | 1 |
| AC | 2 | | | | | 2 |
| Alm | | | | 1 | | 1 |
| MP | | | | | | |
| Total | 41 | 5 | 15 | 210 | 65 | 336 |

Explicação das abreviações no Anexo.

A matéria prima utilizada é, principalmente, o basalto (mais de 90 %), que é utilizado sempre na forma original de seixos rolados. Sua qualidade é variável, mas predominam aqueles com textura homogênea, raras fraturas e coloração cinza escura. Outros tipos de rochas ou minerais, como arenito friável, arenito silicificado, quartzo e calcedônia são mais raros e usados para produzir instrumentos específicos, como afiadores e polidores (no primeiro caso) e lascas cortantes (nos outros).

A Tabela 4 sintetiza a produção de artefatos e instrumentos, a partir das categorias usadas na análise que realizamos nos sítios em que havia acervo lítico, para a área de Três Coroas.

2.2. Os sítios da região de Taquara

Os sítios arqueológicos estudados na região de Taquara, que correspondem à porção inferior do vale do rio Paranhana e a parte média do rio dos Sinos, apresentaram de maneira geral, pouco material lito-cerâmico, com exceção de dois deles, considerados os mais importantes.

O sítio RS-S-61 (Morro da Formiga) representa um denso assentamento de portadores da tradição Taquara, sem a presença de casas subterrâneas, no topo de uma elevação com controle direto sobre uma vasta área de entorno, relativamente distante de rios maiores.

A cerâmica que ali ocorre é aquela a partir da qual, uma vez descrita e caracterizada em termos tecnológicos e morfológicos, deu nome à tradição tecnológica e está representada por uma grande quantidade de fragmentos, apresentando alta variabilidade de formas e decorações que se consolidaram como sendo as características dessa tradição, bem como de um de seus componentes de distribuição geográfica mais limitada (fase Taquara) que abrange boa parte da encosta sudeste do planalto, parte de seu topo e o litoral norte contíguo.

Embora não tenhamos podido realizar um estudo mais aprofundado desse acervo, pode-se notar a alta frequência de decoração plástica, sobretudo o pinçado, ponteadado e unglado, além do alisamento (simples).

O material lítico, apesar de utilizar como matéria prima essencialmente o basalto local, também apresenta taxas mais altas de utilização de minerais comumente associados a ele, como o quartzo hialino. Diferentemente do que ocorre nos sítios dessa tradição na porção mais alta da bacia do rio Paranhana, os artefatos predominantes são lascas (em geral retocadas e utilizadas) e peças bifaciais (sobre seixos e lascas) relativamente menores que aquelas encontradas nas áreas rio acima.

Os sítios relacionados à tradição Tupiguarani apresentam maior recorrência na área do baixo rio Paranhana e médio rio dos Sinos, em relação aos da tradição Taquara. Ocupam quase sempre pontos mais baixos do relevo, mas ainda assim sobre pequenas elevações residuais ou a encosta média e baixa de morros, estando mais próximos às drenagens maiores.

O sítio mais significativo, nessa área, é o RS-S-293, localizado praticamente dentro da zona urbana de Taquara, junto ao arroio Taquara, um dos pequenos afluentes do baixo rio Paranhana, que apresentou uma quantidade significativa de material arqueológico associado, sobretudo cerâmica.

Com pelo menos 2 áreas de solo antropogênico a cerâmica presente no sítio, em função de sua diversidade morfológica e de categorias de decoração, além da quantidade de fragmentos, parece indicar um assentamento relativamente estável, em uma área que originalmente possuía amplo espectro de captação de recursos alimentares e de matérias primas (mata, arroio, banhados, morros com arenito e basalto).

As formas compreendem uma ampla variedade de vasilhas do tipo pratos e tigelas, algumas dessas últimas de grande tamanho (podendo chegar a cerca de 50 cm de abertura da boca), até vasilhas associadas a cocção de alimentos e armazenamento, com tamanhos parecidos e até maiores.

É interessante notar que a decoração mais popular está representada pelo unglado (33%), seguido pelo simples (23%) e o escovado (17%). O restante das pouco menos de 30% de categorias de decoração está distribuído entre corrugados, corrugados unglados e pintados, além de outras pouco expressivas, entre elas o digitado (Tabela 5).

Este parece ser um elemento diferenciador e diagnóstico dos sítios do vale do Paranhana e médio rio dos Sinos em relação, por exemplo, a áreas mais a montante e a jusante do vale do rio dos Sinos, cujos sítios possuem maior frequência de corrugados e corrugados unglados, além dos simples e pintados.

Tabela 5: Quantificação do material cerâmico da tradição Tupiguarani, nos sítios do município de Taquara.

| Decoração | U | CU | U | Esc | Dig | Dig/Ung | Pint | S | NC | Total |
|-----------|----|----|-----|-----|-----|---------|------|-----|----|-------|
| Sítio | | | | | | | | | | |
| S-293 | 28 | 25 | 285 | 148 | 20 | 1 | 66 | 211 | 69 | 853 |
| S-30 | 2 | 1 | | | | | | 3 | | 6 |
| Total | 30 | 26 | 285 | 148 | 20 | 1 | 66 | 214 | 69 | 859 |

Outros sítios tupiguarani estudados nessa área não possuem acervo material na Reserva Técnica do MARSUL ou o mesmo é muito pequeno. Porém, é importante salientar que alguns deles (TQ 1, TQ 2 e TQ 4) apresentam urnas de grandes dimensões (cambuchis) com sepultamentos humanos, indicando um grau relativamente alto de estabilidade.

Material lítico diretamente associado a sítios tupiguarani ocorre somente em RS-S-293 e, apesar de mostrar o aproveitamento de rochas e minerais que ocorrem localmente, especialmente o basalto, os poucos artefatos indicam uma produção pouco elaborada, bastante expedita, onde estão ausentes os grandes talhadores que muitas vezes estão associados a sítios da mesma tradição na parte média do vale.

2.3. Os sítios do município de Parobé

Os 4 sítios arqueológicos estudados no município de Parobé estão todos associados à tradição Tupiguarani. Localizados na margem esquerda do rio dos sinos, entre 700 m a 1,5 km daquela, estão a oeste da desembocadura do rio Paranhana, fora da bacia deste, mas ainda sob sua influência, na porção média do vale do rio dos Sinos.

Estão situados em terrenos mais aplanados, com cotas entre 15 e 53 m acima do nível do mar, em uma ampla área de várzea, sobre pequenas elevações arenosas (os mais próximos ao rio dos Sinos) ou na encosta baixa de

morros residuais areníticos, por vezes capeados ainda com basaltos (os mais afastados).

Com exceção de um (RS-S-34), sobre o qual não há informações mais detalhadas, os demais apresentam entre 2 e 4 áreas de solo antropogênico, que podem indicar a existência de áreas de habitação.

O material cerâmico desses sítios apresenta, em geral, características tecnológicas semelhantes às dos descritos para as áreas de Taquara e Três Coroas (respectivamente, baixo e médio/alto vale do rio Paranhana), produzidos com uma pasta bastante arenosa, cujo antiplástico é formado principalmente por grãos de quartzo grandes e com baixa esfericidade, dando à textura uma sensação áspera ao toque e, conseqüentemente, muito suscetível à erosão. A queima é invariavelmente oxidante incompleta, deixando uma coloração à superfície que vai do marrom claro ao marrom avermelhado.

A morfologia das vasilhas é relativamente pouco variada, sendo que as peças mais frequentes são as tigelas e pratos, com formas esferoides e elipsoides, utilizadas para servir alimentos líquidos e sólidos (ñambé e cambuchí caguaba), de tamanho médio (até cerca de 30 cm de abertura de boca), raramente maiores.

Além dessas, também podem ocorrer em menor frequência painéis com bordas restringidas infletidas, usadas para cozer alimentos (yapepó). Porém, no contexto de alguns desses sítios, foram encontradas estruturas funerárias (RS-S-34 e RS-S-260) em grandes vasilhas complexas pintadas (cambuchí), indicando também a presença de vasilhas para armazenamento de bebidas e certa estabilidade do assentamento.

As decorações presentes também possuem pouca variabilidade, sendo que a de maior frequência é a ungulada, seguida da simples, corrugada e corrugada ungulada, pintada e outras menos frequentes, como a digitada e escovada (Tabela 6).

É importante mencionar novamente a tendência a uma alta frequência de decoração ungulada, em detrimento de decorações plásticas mais comumente encontradas em sítios dessa tradição tecnológica, como a corrugada e suas variações e a pintada, que se assemelha ao que ocorre nos sítios tupiguarani na área de Taquara e Três Coroas, de certa forma confirmando uma alta popularidade desse tipo de tratamento de superfície na cerâmica tupiguarani do médio vale do rio dos Sinos.

Tabela 6: Quantificação do material cerâmico da tradição Tupiguarani, nos sítios do município de Parobé

| Decoração Sítio | C | C/U | U | Dig | Esc | Pint | S | NC | Total |
|-----------------|-----|-----|-----|-----|-----|------|-----|-----|-------|
| S-34 | 68 | 59 | 89 | 16 | | 52 | 74 | 50 | 408 |
| S-260 | 22 | 3 | 112 | 12 | | 7 | 23 | 37 | 216 |
| S-291 | 32 | 6 | 78 | 9 | | 13 | 46 | 23 | 207 |
| S-292 | 19 | 7 | 37 | 8 | 25 | 6 | 42 | 8 | 152 |
| Total | 141 | 75 | 316 | 45 | 25 | 78 | 185 | 118 | 983 |

Quanto ao material lítico, este é bastante escasso em todos os sítios, compondo um total de 91 artefatos e raros instrumentos. A matéria prima mais frequente é o basalto, seguida do arenito friável e arenito silicificado. No sítio RS-S-291 foram também encontrados vários seixos pequenos de calcedônia, mas que eram naturais, sem evidências de modificação antrópica. No sítio RS-S-34 também ocorreu um tembetá produzido em quartzo hialino.

A maior ocorrência de basalto e arenito silicificado (além dos seixos de calcedônia) se deu nos sítios RS-S-291 e 292, muito próximos entre si. O primeiro está localizado na encosta baixa de um complexo de morros que podem chegar a 200 m de altitude e, diferentemente dos dois sítios mais afastados (RS-S-34 e 260, onde essas matérias primas não ocorrem ou são mínimas), aquela estrutura pode estar capeada por basalto e possibilitar condições favoráveis para a ocorrência de afloramentos daquelas matérias primas.

De maneira geral, o uso do arenito friável se dá principalmente através de sua utilização como prováveis polidores, mas também ocorrem muitas peças simplesmente fragmentadas.

O basalto e o arenito silicificado (em especial no sítio RS-S-291), apresentam modificações que resultaram em instrumentos mais bem acabados (lascas retocadas e um provável talão de um talhador), mas ainda assim, caracterizando uma indústria expedita (Tabela 7).

Tabela 7: Quantificação geral do material lítico, nos sítios do município de Parobé

| Sítio | S-34 | S-260 | S-291 | S-292 | T |
|-----------|------|-------|-------|-------|----|
| Categoria | | | | | |
| S | | 2 | 22 | 4 | 28 |
| SLg | | | 3 | | 3 |
| Nunip | | | 3 | | 3 |
| LP | | | 6 | | 6 |
| LPg | | | 8 | | 8 |
| LS | | | 8 | | 8 |
| Frag | 1 | 17 | 4 | 7 | 29 |
| Frag S | | | | 1 | 1 |
| Frag SLg | | | 2 | | 2 |
| Frag Inst | | | 1 | | 1 |
| Adorno | 1 | | | | 1 |
| Tembetá | 1 | | | | 1 |
| Total | 3 | 19 | 57 | 12 | 91 |

2.4. Os sítios da área de Sapiranga

A área de Sapiranga apresentou maior proporção de sítios relacionados à tradição Tupiguarani. No entanto, no seu extremo leste, ocorre importante complexo de 3 sítios onde aqueles aparecem associados a fragmentos de cerâmica da tradição Taquara, conformando sítios multicomponenciais.

Na área de Porto Palmeira, próximos à margem direita do rio dos Sinos, nos sítios RS-S-281, 282 e 283, localizados sobre amplo terraço fluvial, Miller realizou coletas superficiais e fez, em dois deles, sondagens estratigráficas que

indicam, em uma primeira vista, distintas ocupações, em momentos cronologicamente diferentes, de grupos portadores daquelas duas tradições tecnológicas.

Observando as descrições feitas por Miller, o mesmo também menciona áreas distintas de concentrações superficiais de cerâmica tupiguarani e taquara, no mesmo sítio (RS-S-282 e 283). Nas sondagens estratigráficas realizadas, a cerâmica taquara, embora em muito menor número, não mostra uma nítida separação, em termos de posição na estratigrafia, em relação à cerâmica tupiguarani, estando ambas sempre concentradas nos primeiros 0,20 m, com a cerâmica tupiguarani inclusive chegando até o nível imediatamente inferior, mas sem a cerâmica taquara associada.

Isso parece indicar que não houve superposição de ocupações, se olharmos exclusivamente através da estratigrafia de um dos sítios. A menção a áreas distintas, umas com maior concentração de cerâmica tupiguarani e outras com maior concentração de cerâmica taquara (sendo uma exclusivamente com material lítico), em um mesmo contexto espacial, também poderia sugerir um fenômeno de interação e convivência entre pequenos grupos de portadores dessas tradições tecnológicas, a exemplo do que parece ter ocorrido em dois sítios da parte alta do vale do Paranhana (RS-S-320 e 321).

Mas, para tornar ainda mais complexa a compreensão do que realmente houve ali, um desses sítios (RS-S-282) possui uma datação radiocarbônica de 1.380 ± 110 (SI-414), que consideramos muito antiga para a tradição Tupiguarani na área e que associamos aos grupos portadores da tradição Taquara, o que é bastante plausível, tendo em vista a data existente para o sítio RS-S-61 (Morro da Formiga, 1.190 ± 100 (SI-409)) que parece indicar um movimento desses grupos em direção a jusante do rio dos Sinos, através do rio Paranhana (RS-S-61, RS-S-271, complexo Porto Palmeira), em um momento bem anterior à chegada dos grupos associados à tradição Tupiguarani, que provavelmente fizeram um movimento contrário, subindo o vale dos Sinos em direção a montante.

Os sítios dos conjuntos Otto Wingert e José Wenter parecem representar assentamentos pequenos, mas relativamente estáveis, de portadores da tradição Tupiguarani, sem contato com grupos Jê. Sua localização mais afastada de rios maiores e próxima à encosta do planalto (Morro Ferrabraz) os mantém, aparentemente, em maior isolamento. A cerâmica presente possui alta frequência de corrugados, ao contrário do que vimos até então para as outras áreas estudadas, o que pode indicar uma certa zona de fronteira entre dois territórios de domínio de diferentes grupos associados àquela tradição tecnológica. Em termos tecno-morfológicos, a cerâmica tupiguarani apresenta-se mais consolidada, no sentido de que a produção parece ser mais bem acabada, com uma pasta compacta, com antiplástico arenoso grosseiro, mas mais bem selecionado.

As formas, em geral, não são muito variadas, envolvendo especialmente vasilhas para preparar e servir alimentos líquidos e sólidos, de tamanho pequeno a médio, elipsoides ou globulares. Não são encontradas grandes vasilhas tipicamente usadas para armazenamento.

A cerâmica relacionada à tradição Taquara possui as mesmas características daquela encontrada nos sítios das outras áreas já mencionadas (Três Coroas e Taquara), em termos tecno-tipológicos, mas que ocorre em menor quantidade e está restrita aos sítios do complexo Porto Palmeira.

A pasta é composta por uma quantidade maior de antiplástico, quase sempre areia fina (exceto nos sítios RS-S-320 e 321, onde aparecem grãos grandes de quartzo, com pouca esfericidade), que deixa a textura áspera ao tato e os fragmentos, que são normalmente pequenos, muito erodidos. A queima quase sempre é oxidante completa e o tratamento de superfície é predominantemente plástico, com o unglado seguido pelo simples e o ponteado.

A morfologia das vasilhas também remete àquela encontrada nos sítios mais conhecidos da região (como o RS-S-61, Morro da Formiga), mas com uma variabilidade bem menor, ocorrendo alguns exemplares de formas cilíndricas, levemente infletidas e com pouca capacidade volumétrica e formas elipsoides em meia calota, quase sempre pequenas tigelas pouco profundas.

Na Tabela 8 sumarizamos a quantificação dos fragmentos cerâmicos da tradição Tupiguarani por categorias de decoração, em todos os sítios da área Saporanga. Na Tabela 9, fazemos o mesmo para a cerâmica da tradição Taquara.

Tabela 8: Quantificação do material cerâmico da tradição Tupiguarani, nos sítios do município de Saporanga

| Decoração | C | C/Pint | C/U | U | U/Pint | Dig | Esc | Esc/Pint | RoI | Pint | s | NC | Total |
|-----------|-----|--------|-----|-----|--------|-----|-----|----------|-----|------|-----|----|-------|
| Sítio | | | | | | | | | | | | | |
| S-281 | 25 | | 8 | 41 | | 3 | | | | 2 | 30 | 14 | 123 |
| S-282 | 126 | | 57 | 103 | 7 | | 10 | | 8 | 98 | 147 | 27 | 583 |
| S-283 | 107 | 19 | 37 | 21 | 4 | | 2 | | 1 | 40 | 72 | 1 | 304 |
| S-375 | 83 | | 18 | 13 | | | 1 | | | 16 | 25 | | 156 |
| S-382 | 25 | 2 | 3 | 23 | 1 | | 3 | 1 | | 11 | 12 | 1 | 82 |
| S-378 | 6 | | 1 | 33 | | | 1 | | | 20 | 38 | | 99 |
| Total | 372 | 21 | 124 | 234 | 12 | 3 | 17 | 1 | 9 | 187 | 324 | 43 | 1.347 |

Tabela 9 Quantificação do material cerâmico da tradição Taquara, nos sítios do município de Saporanga.

| Decoração | Pont | Pont/Pint | U | Bel | Imp Cest | s | NC | Total |
|-----------|------|-----------|----|-----|----------|----|----|-------|
| Sítio | | | | | | | | |
| S-281 | 1 | 1 | | | | | | 2 |
| S-282 | 7 | | 42 | 3 | 5 | 18 | 4 | 79 |
| S-283 | 3 | | 11 | | | 1 | | 15 |
| Total | 11 | 1 | 53 | 3 | 5 | 19 | 4 | 96 |

Os sítios exclusivamente tupiguarani apresentaram muito pouco material lítico, que é mais abundante somente nos sítios do complexo Porto Palmeira e, entre os sítios que o compõem, especialmente em RS-S-282 e 283 (Tabela 10).

Se nas coletas superficiais realizadas nesses sítios do complexo Porto Palmeira fica difícil separar o que seria associado a uma ou outra tradição tecnológica, nas sondagens realizadas em RS-S-282 e 283, pode-se perceber uma sutil, mas importante diferença, especialmente na apropriação de diferentes matérias primas e suas técnicas de modificação.

Em RS-S-282, na sondagem 1, realizada em uma área que apresentava material de ambas tradições e na sondagem 1 de RS-S-283, feita em uma área que continha somente material lítico, aparece um incremento na quantidade de peças com retalhamento bipolar, exclusivamente de quartzo hialino, cuja utilização sabe-se que é um marcador em potencial para a tradição Taquara. Muito mais rara, no entanto, é a ocorrência da calcedônia, onde também é aplicado o retalhamento bipolar.

Por outro lado, a matéria prima mais abundante continua sendo o basalto, na forma de seixos, muitas vezes quebrados ou lascados intencionalmente, além de lascas primárias e secundárias eventualmente com a presença de um gume retocado. Praticamente não aparecem os grandes talhadores, mais frequentes na área de Três Coroas.

Tabela 10: Quantificação geral do material lítico, nos sítios do município de Saporanga

| Sitio Categoria | S-281 | S-282 | | | S-283 | | S-378 | T |
|--------------------|-------|-------|-----|----|-------|-----|-------|-----|
| | | Sup | S1 | S2 | Sup | S1 | | |
| S | 3 | 12 | 9 | | 11 | 13 | 1 | 49 |
| SL | | | | | 3 | | | 3 |
| SLg | | | | | 1 | 1 | | 2 |
| Nunip | | 1 | | | 3 | | | 4 |
| LP | | 1 | 13 | 1 | 11 | 11 | | 37 |
| LPg | | 1 | | 2 | 3 | 7 | | 13 |
| LS | | 5 | 17 | 1 | 12 | 5 | | 40 |
| LSg | 4 | 1 | 2 | 1 | 9 | 3 | | 20 |
| Nbip | | | 1 | | | 1 | | 2 |
| Lbip | | 2 | 1 | | 3 | 5 | | 11 |
| Fragbip | | 7 | 16 | 1 | | | | 24 |
| Frag | 4 | 3 | 1 | | | | 1 | 9 |
| Frag S | 1 | 4 | 1 | 1 | 23 | 5 | | 35 |
| Frag SL | | 1 | | | | | | 1 |
| Frag SLg | | | | | 1 | | | 1 |
| Frag Lasc | | 8 | 10 | | 7 | 2 | | 27 |
| Frag Inst | | 1 | 2 | | 5 | 1 | | 9 |
| Pris | 1 | | | 2 | 2 | 1 | | 6 |
| Perc | | | | | 1 | 1 | | 2 |
| Tal | 2 | 1 | | | 2 | | | 5 |
| Rasp | 1 | | | | | | | 1 |
| Qc | | 1 | | 1 | | | | 2 |
| Af | | 1 | | | | | | 1 |
| MP | 3 | | | | | | | 3 |
| SubTotal | 19 | 50 | 73 | 10 | 97 | 56 | 2 | 307 |
| Total | 19 | | 133 | | | 153 | 2 | 307 |

O arenito silicificado ocorre pouco e aparece quase sempre na forma de lascas secundárias, às vezes com retoques. O arenito friável aparece quase sempre na forma de fragmentos naturais, algumas vezes com faces polidas ou na forma de afiador em canaleta.

Vale lembrar ainda que, se para os sítios dos conjuntos Otto Wingert e José Wenter, todas essas matérias primas estavam facilmente acessíveis no entorno próximo, para os sítios do complexo Porto Palmeira, elas já são menos acessíveis ou, pelo menos, são mais localizadas e limitadas, tendo como provável área fonte mais próxima o Morro Negro, a cerca de 2,5 km a sudeste, na margem esquerda do rio dos Sinos.

3. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO.

A área de estudo apresenta, em termos ambientais, uma significativa variação litológica, de relevo, de tipos de solos e de cobertura vegetal. De maneira geral, esta variação se dá em sentido vertical, com diferentes estratos, desde sua porção de maior altitude até as de cotas mais baixas.

Nas áreas mais altas (alto vale do Paranhana), são encontrados os relevos mais movimentados com vales encaixados, com várzeas muito estreitas ou inexistentes, cuja litologia predominante são as rochas basálticas da Formação Serra Geral, formando solos litólicos pouco espessos, mas relativamente férteis e cobertura vegetal de Floresta Ombófila Mista e Floresta Estacional Semidecidual Montana. Nessas áreas, com altitudes acima de 700 m em relação ao nível do mar, estão localizados especialmente sítios relacionados à tradição Taquara (RS-S-301) e sítios multicomponenciais (RS-S-320 e 321), mas cuja ocupação principal está também relacionada a grupos portadores dessa tradição tecnológica.

No médio vale do rio Paranhana, o forte encaixamento desse rio e de alguns de seus afluentes (arroyo Iraparú, arroyo Angabéi, arroyo Kampf) cede lugar a uma várzea um pouco mais larga, que pode chegar a 800 m em alguns pontos. Os arenitos da Formação Botucatu passam a aparecer, ainda associados aos basaltos, tanto em afloramentos em paredões rochosos como na forma de seixos rolados ao longo das drenagens. O relevo é menos movimentado, mais aplanado nas áreas próximas ao rio e arroios, com altitudes entre 50 m (na calha do rio Paranhana) e 200 m, nos morros residuais que o margeiam, apresentando solos mais espessos, predominantemente eutróficos do tipo terra roxa e podzólicos, que possuem boa fertilidade e que são muito aproveitados para a agricultura de pequena escala. A cobertura vegetal, nessas áreas, é predominantemente de Floresta Estacional Semidecidual Submontana. Em ambientes com essas características passam a ser comuns os sítios associados à tradição Tupiguarani, cujos grupos portadores são reconhecidamente horticultores e estreitamente ligados a tais características ecológicas.

No baixo vale do rio Paranhana, já na altura de Taquara e Parobé e de sua desembocadura na margem direita do rio dos Sinos, a paisagem se torna bastante distinta e assim permanece ao longo do curso médio dessa última drenagem, até o município de Sapiranga.

Predominam, em termos litológicos, especialmente os arenitos da Formação Botucatu e sedimentos recentes depositados por aquelas duas grandes drenagens. O relevo é muito mais aplanado, recortado apenas por morros residuais areníticos, por vezes ainda capeados por delgada camada de basaltos, cujas altitudes variam entre 15 m e 200 m acima do nível do mar.

Tanto o rio Paranhana quanto o Sinos, nessa região, apresentam amplas áreas de planície fluvial, que podem chegar a 4 km (no primeiro) e 8 km (no segundo) de largura. Os solos são predominantemente formados por cambissolos eutróficos e podzóis, com moderada a alta fertilidade, especialmente nos amplos terraços fluviais e nas encostas médias e baixas dos morros residuais. A cobertura vegetal, hoje já bastante alterada, era, predominantemente, formada por Floresta Estacional Semidecidual de Terras Baixas, com porções nas áreas mais elevadas do subtipo Submontana, além de áreas alagadiças nas partes mais baixas e próximas às drenagens, em ambos os casos apresentando amplo espectro de recursos em termos de captação de alimentos e de matérias primas.

Nessas áreas é encontrado o maior número de sítios relacionados à tradição Tupiguarani (RS-S-293, 30, 379, 380, TQ 1, Q 2 e TQ 4, em Taquara; RS-S-34, 260, 291 e 292, em Parobé; RS-S-375, 378, 382 e 383, em Sapiranga) e, eventualmente, assentamentos da tradição Taquara (RS-S-61 e 271, em Taquara) e ainda o complexo de sítios multicomponenciais de Porto Palmeira (RS-S-281, 282 e 283, em Sapiranga).

Nas Figuras 22, 23 e 24, apresentamos a distribuição dos sítios plotados sobre as cartas temáticas de relevo, solos e cobertura vegetal.

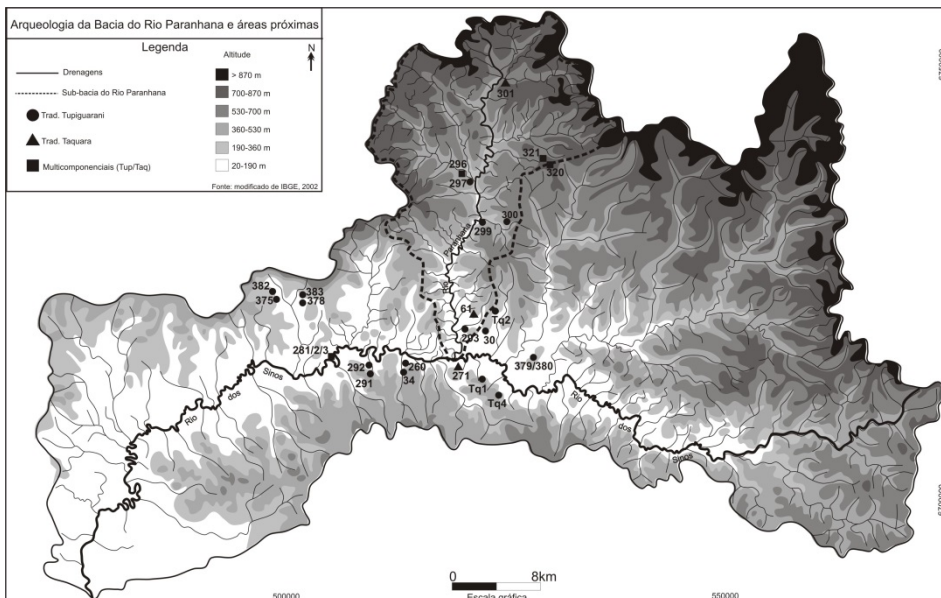


Figura 22: Mapa de distribuição dos sítios em função do relevo. Fonte: modificado de IBGE (2002).

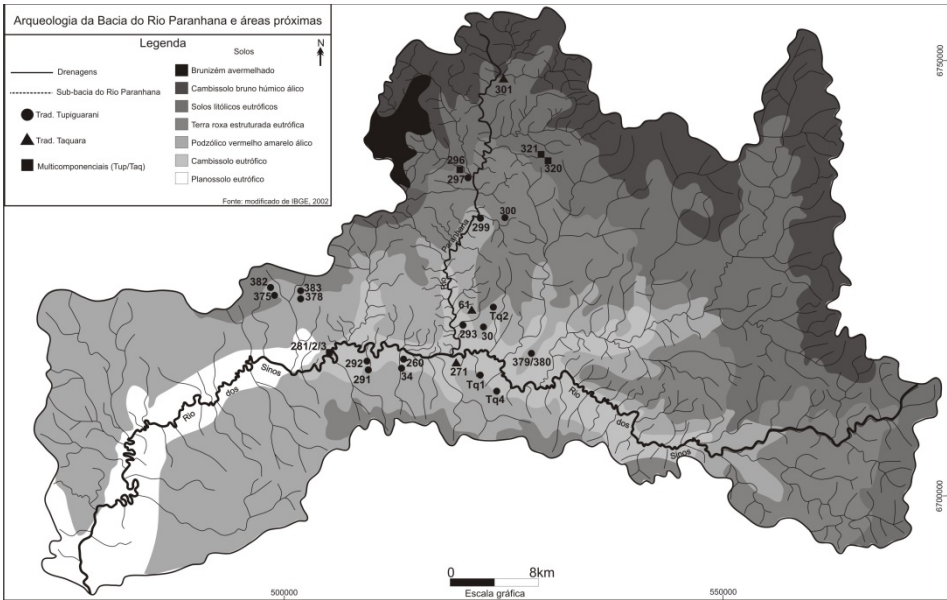


Figura 23: Mapa de distribuição dos sítios em função dos solos. Fonte: modificado de IBGE (2002).

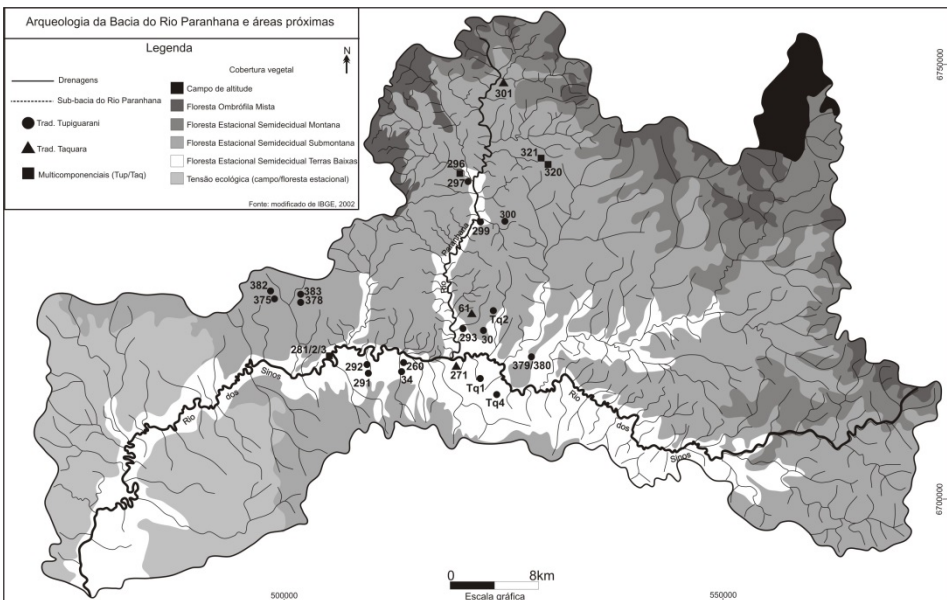


Figura 24: Mapa de distribuição dos sítios em função da cobertura vegetal. Fonte: modificado de IBGE (2002).

Observando a distribuição dos sítios de ambas as tradições tecnológicas sobre as cartas temáticas pode-se observar a preferência dos grupos portadores da tradição Tupiguarani pelas áreas de solos mais férteis, em geral presentes nos terraços fluviais formados nas várzeas dos rios Paranhana e Sinos e arroios tributários, bem como nas encostas baixas e médias de morros residuais com solos férteis e vegetação estacional submontana e de terras baixas. Esta associação já bem conhecida e ocorre também em outras áreas do Estado, especialmente na região das grandes bacias dos rios Jacuí e Uruguai.

Os grupos relacionados à tradição Taquara tem maior ocorrência nas áreas mais altas, de relevo mais abrupto, relativamente afastadas dos cursos de água maiores, onde predominam ainda solos férteis mas mais reduzidos em termos de amplitude, com cobertura vegetal estacional semidecidual montana ou ombrófila mista.

Porém, no baixo vale do rio Paranhana e ao longo do médio Sinos existem sítios de grupos portadores da tradição Taquara: um assentamento grande e aparentemente estável (RS-S-61), localizado em uma elevação dentro da planície do baixo curso do rio Paranhana, datado em 1.190 ± 100 AP (SI-409), cerca de 888 AD (calibrada), e um pequeno assentamento, possivelmente de caráter mais transitório, próximo à desembocadura do mesmo rio (RS-S-271), na margem esquerda do rio dos Sinos.

Esses dois sítios, juntamente com ocupações representadas pelos sítios multicomponenciais do complexo Porto Palmeira, onde ocorre uma ocupação da tradição Taquara anterior à da Tupiguarani, datada em 1.380 ± 110 AP (SI 414), cerca de 662 AD (calibrada), podem representar um movimento de expansão desse grupo, talvez a partir da própria calha do rio Paranhana, em direção ao rio dos Sinos. O movimento parece ligado a um ciclo geral de expansão das populações Jê Meridionais tanto pelo planalto como pelo litoral atlântico e os vales dos tributários da margem esquerda do rio Jacuí (Rogge, 2004). O relativo sucesso dessa expansão parece estar marcado localmente pela estabilidade do sítio RS-S-61 e da relativa quantidade de assentamentos no litoral nordeste do Estado.

Os sítios relacionados à tradição Tupiguarani, na área de estudo, por sua vez, parecem indicar um movimento contrário, subindo o rio dos Sinos, por vezes reocupando áreas antes pertencentes a grupos portadores da tradição Taquara (como no complexo Porto Palmeira). Schmitz (com. pes., 2016), ao retomar a ocupação Tupiguarani do vale, conseguiu uma data de C^{14} de 1500 AD, em São Leopoldo, para a ocupação antiga do baixo vale, e uma data de C^{14} de 1630 AD, em Estância Velha, para o que considera o final da ocupação Tupiguarani no vale. Pensamos que a mesma faixa cronológica pode ser proposta para nossa área de estudo. Dias (2003) menciona duas datas de TL para o sítio RS-S-399 (165 ± 20 AP (LVD 594) e 205 ± 25 (LVD 595)), no alto rio dos Sinos, que estão deslocadas para a ocupação original, porque os bandeirantes paulistas, bem antes disso, já tinham preado os índios da área. Se válidas, estas datas podem ser atribuídas a guaranis missioneiros no serviço da colonização portuguesa instalada no lugar.

A expansão do grupo ao longo do rio dos Sinos, que se deu até seu alto curso, envolve também a subida pelo vale do rio Paranhana, com assentamentos que mostram relativa estabilidade nas porções baixas (RS-S-293) e ocupações aparentemente menos densas, mas ainda bem consolidadas, no seu médio curso (RS-S-297, 297, 299 e 300).

Reocupações no complexo Porto Palmeira, além dos diversos sítios na área de Parobé e assentamentos estáveis como o do sítio RS-S-293, próximo ao sítio RS-S-61, mas sem evidências de contato, parecem indicar que a chegada destes horticultores se dá em um momento em que a expansão anterior dos grupos Jê Meridionais na área já havia se dispersado ou retrocedido, voltando a porções mais altas do vale do rio Paranhana e ao Planalto. Isto não quer dizer que cessassem os contatos entre os dois grupos de povoadores. Segundo informação pessoal de Schmitz (2016), grande número de sítios do vale atribuídos ao Tupiguarani, tanto entre os considerados antigo, como entre os considerados mais recentes, têm alguns fragmentos de cerâmica típica da Tradição Taquara.

Justamente, na parte alta do Paranhana, é possível que a expansão tupiguarani tenha criado uma zona de fronteira com grupos Jê remanescentes e estabelecido algum tipo de interação, inclusive de convivência, representada pelos sítios RS-S-320 e 321 e, em menor grau, pelo RS-S-296.

Com relação à expansão e colonização do médio vale dos Sinos e do baixo/médio vale do Paranhana por populações portadoras da tradição Tupiguarani, é importante também mencionar que, possivelmente, nessa área se tenha estabelecido um território de domínio ou *tekohá*, que se distingue do que parece ter ocorrido no alto curso dos Sinos, que teria conformado outro *tekohá* (Dias, 2003) e no baixo vale desse mesmo rio, até pelo menos a altura do município de São Leopoldo ou Sapiranga (Schmitz, com. pes., 2016). Um dos elementos que podem traduzir esta hipótese é a alta frequência de cerâmica com decoração plástica unglada, nos sítios das áreas de Três Coroas, Taquara e Parobé, que contrastam com o que ocorre no baixo rio dos Sinos a partir de Sapiranga (onde ocorre maior frequência de decoração corrugada e suas variantes, além da decoração pintada) e a montante de Taquara, no alto Sinos (Miller, 1967).

Estes movimentos de expansão, relativamente rápidos, dos grupos portadores da tradição Tupiguarani, concordam com os movimentos mais amplos dentro do território sul-rio-grandense, como no modelo proposto por Bonomo et al. (2015), com uma entrada através do noroeste, pelo rio Uruguai, alcançando posteriormente o médio vale do Jacuí e dali se expandindo em direção leste, subindo seus tributários e alcançando o litoral, de modo semelhante ao que havia proposto inicialmente Brochado (1984) e posteriormente Rogge (2004).

Acreditamos ter esboçado um modelo regional, não destoante de modelos mais gerais, para compreender o processo de ocupação do médio vale do rio dos Sinos e de seu principal afluente, o rio Paranhana, por grupos portadores das tradições cerâmicas Tupiguarani e Taquara. Partindo desse modelo é possível produzir mais informações, com a localização de novos sítios, a visita aos já conhecidos, a análise dos materiais guardados nas reservas técnicas das

instituições do vale e a datação das estruturas, que levem a uma história mais completa e densa das populações indígenas que colonizaram o vale. Depois dos trabalhos pioneiros de Miller (1967), Dias (2003) buscou cobrir o alto vale, nosso trabalho (Dias, 2015) cobriu o médio vale, Schmitz (com. pes. 2016) se propõe cobrir parte baixa e retomar todo o vale.

AGRADECIMENTOS

A minha família; a Milene Pereira Monteiro, minha esposa; ao Programa CAPES-PROSUP, pela concessão da bolsa; a Jairo Henrique Rogge, meu orientador de tese, a Pedro Ignácio Schmitz, meu professor; aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS; aos colegas do Instituto Anchieta de Pesquisa; a Eurico Th Miller e Pedro Augusto Mentz Ribeiro, que criaram a documentação e recolheram o material que usei para a construção do minha tese.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONOMO, M.; ANGRIZANI, R. C.; APOLINAIRE, E.; NOELLI, F. S. A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and littoral zone of southern Brazil. *Quaternary International*, nº 356, 2015, p. 54-73.

BROCHADO, José J. J. P. *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture Into Eastern South América*. Carbondale: University of Illinois at Urbana-Champaign, 1984 (Tese de Doutorado).

DIAS, Adriana Schmidt. *Sistema de assentamento e estilo tecnologico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do alto vale do rio dos sinos, rio grande do sul*. São Paulo, 2003 (Tese de Doutorado).

DIAS, Jeferson Juliano Zuch Dias. *A ocupação pelos grupos ceramistas das tradições Taquara e Tupiguarani do médio vale do rio dos Sinos e do vale do rio Paranhana*. São Leopoldo, UNISINOS, 2015 (Tese de Doutorado).

IBGE. Mapas de solos, vegetação e relevo. *Cartas avulsas*, 2002, obtidas em <http://downloads.ibge.gov.br/>.

MILLER, Eurico Th. Pesquisas arqueológicas efetuadas no nordeste, Rio Grande do Sul. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, nº 6, 1967, p. 15-38.

ROGGE, Jairo Henrique. *Fenômenos De Fronteira: Um Estudo Das Situações De Contato Entre Os Portadores Das Tradições Cerâmicas Pré-Históricas No Rio Grande Do Sul*. São Leopoldo: Unisinos, 2004. (Tese Doutorado).

ANEXO

Lista de abreviaturas para a cerâmica Tupiguarani:

C = corrugado;

C/Esp = corrugado/espátulado;

C/Pint = corrugada/pintado;

C/U = corrugado/ungulado;

C/U/Esc = corrugado/ungulado/escovado;

U = unguado;

U/Pint = unglado/pintado;
Esc = escovado;
Esc/Pint = escovado/pintado;
Esc/U = escovado/ungulado;
Dig = digitado;
Dig/U = digitado/ungulado;
Esp = espatulado;
Rol = roletado;
Bel = beliscado;
Pint = pintado;
S = simples;
NC = não classificado.

Lista de abreviaturas para a cerâmica Taquara:

U = unglada;
U/Pont = unglada/ponteadada;
Pont = ponteadada;
Pin = pinçada;
Pin/U = pinçada/unglada;
Inc = incisa;
Imp Cest = impressão em cestaria;
Dig = digitada;
Pint = pintada
S = simples;
NC = não classificado.

Lista de abreviaturas para o material lítico:

S = seixo;
SL = seixo lascado;
SLg = seixo lascado com gume;
LP = lasca primária;
LPg = lasca primária com gume;
LS = lasca secundária;
LSg = lasca secundária com gume;
Lbip = lasca bipolar;
Frag = fragmento natural;
Frag S = fragmento de seixo;
Frag SL = fragmento de seixo lascado;
Frag SLg = fragmento de seixo lascado com gume;
Frag Lasc = fragmento de lascamento;
Frag Inst = fragmento de instrumento;
Frag Pris = fragmento de prisma;
Frag Af = fragmento de afiador em canaleta;
N = núcleo;
Lent = lenticulóide;
PI = placa;

Pris = prisma;
Per = percutor;
Tal = talhador;
Enx = enxó;
Rasp = raspador;
Qc = quebra-coquinho;
M = moedor;
MP = mão de pilão.

Lista de abreviaturas de matéria prima:

b = basalto;
af = arenito friável;
as = arenito silicificado;
qz = quartzo;
c = calcedônia.